

Migração internacional de mulheres das periferias de Belém e suas relações com outras cidades: identidades de gênero e classe na origem no Censo 2010

Marcel Hazeu^{1}*
*Lucia Isabel Silva^{2**}*

Introdução

O objetivo deste artigo é discutir as especificidades da migração internacional de mulheres, situando essa discussão em termos da realidade no lugar de origem (as periferias da cidade de Belém-PA) e das conexões que essa realidade mantém ou estabelece com diversos aspectos da experiência migratória, quer dizer, como essa realidade determina ou ajuda a configurar a própria experiência migratória até as condições de retorno ou finalização da experiência. A discussão se fundamenta em pesquisas realizadas com mulheres migrantes nas periferias de Belém, nos dados do Censo demográfico 2010 sobre essa migração e nas realidades migratórias de outras cidades, assim como no contexto amazônico.

De acordo com Oliveira (2011), a migração torna-se objeto de interesse das ciências sociais por volta da segunda metade do século XX, ocupando lugar de destaque entre as produções das primeiras escolas de ciências sociais brasileiras que “tomaram como objeto de estudo os mais diversos grupos sociais – dentre eles as comunidades de imigrantes” (Oliveira, 2011, p. 2). Obviamente, as perspectivas analíticas sofreram transfor-

mações ao longo das décadas. O autor destaca ainda que, apesar da pertinência e importância desse campo de estudo para a área e, em especial, para o desenvolvimento dos estudos raciais, indígenas e de comunidades, ele permanece como uma das dimensões “insuficientemente trabalhadas” nas pesquisas e estudos (Oliveira, 2011). Haesbaert e Santa Bárbara (2001), por sua vez, incluem a compreensão da dinâmica migratória como um dos processos sociais mais relevantes para o estudo e compreensão dos processos de construção/transformação das identidades culturais. Essas afirmações parecem destacar a relevância do tema no campo das ciências sociais, ao mesmo tempo em que se firmam como campo de investigação de interesse interdisciplinar. Dessa forma, pensa-se que o presente estudo pode contribuir para a compreensão do fenômeno migratório dentro da especificidade amazônica, percebendo-o não apenas como reflexo, mas principalmente como elemento integrante da dinâmica social da região, podendo assim revelar elementos da similaridades e diferenças que marcam ou permeiam esse fenômeno nesse contexto, o que, por sua vez, lança luzes para compreender os processos de (re)construção das identidades e territorialidades brasileiras.

1 Núcleo de Altos Estudos Amazônicos/Universidade Federal do Pará/Doutorando/ Bolsista do CNPq. Telefone: (91) 3249 8916 ou (91) 8850 5838. E-mail: celzeu@gmail.com

2 Universidade Federal do Pará/ Instituto de Ciências da Educação. Professora Adjunto II. Telefone: (91) 3233 0606 ou (91) 8875 9546. E-mail: luciibel@yahoo.com.br

Nessa perspectiva, o estudo se propõe a discutir e tentar responder o seguinte conjunto de questões: Quem é a população que migra? Como ela migra? Que relações existem ou podem existir entre origem e destino? Qual o lugar da mulher nessa movimentação? Quais são as diferenças, em termos de origem e destino, entre a migração de mulheres e a de homens? Por que migram para certos destinos? Como essa migração é organizada? Quais são suas especificidades? Como as relações de gênero e de classe social influenciam nessa migração? O que tem invisibilizado a dinâmica dessa migração nos estudos acadêmicos e nas políticas públicas? O que a experiência da migração revela sobre o lugar chamado origem e sobre a condição de gênero?

Questões metodológicas

A parte empírica deste estudo é baseada em três pesquisas realizadas durante os últimos cinco anos sobre a migração de mulheres das periferias de Belém (Hazeu e Silva, 2008; Hazeu, 2011; Hazeu e Silva, 2011), inicialmente no contexto da atenção ao tráfico internacional de mulheres, em seguida em relação aos bairros de periferia e, por último, uma pesquisa-ação sobre a migração internacional de mulheres, tendo elas mesmas como agentes da própria pesquisa. A primeira e a terceira pesquisas foram publicadas pela Sociedade de Defesa dos Direitos Sexuais na Amazônia (Sodireitos) – uma ONG em Belém que atua na luta pela garantia dos direitos sexuais e migratórios na Amazônia – e a segunda foi uma dissertação de Mestrado apresentada no Núcleo de Altos Estudos Amazônicos (Naea), da Universidade Federal do Pará (UFPA).

O primeiro estudo foi trinacional e tratou especificamente do tráfico de mulheres do Brasil e da República Dominicana para o

Suriname (Hazeu e Silva, 2008). Pesquisou-se, entre outras questões, a experiência de migração de 17 mulheres de periferia da Região Metropolitana de Belém para o Suriname. Na dissertação de mestrado Migração internacional de mulheres na periferia de Belém, 32 pessoas foram entrevistadas, membros de 27 famílias com mulheres migrantes de periferias de Belém, com o objetivo de investigar uma rede que envolvia 75 pessoas dessas famílias que migraram para o exterior (Hazeu, 2011). Por fim, A pesquisa-ação Mulheres em movimento: migração, trabalho e gênero em Belém (Hazeu e Silva, 2011) envolveu 11 mulheres brasileiras migrantes de periferia da cidade de Belém que retornaram à cidade.

As análises e as informações reunidas a partir dessas três pesquisas fundamentaram os questionamentos iniciais e a leitura e o diálogo com os dados do Censo 2010 a respeito da migração e.

Para este artigo, analisamos as informações sobre migrações internacionais de Belém e de outras dez capitais das cinco regiões brasileiras (três no Norte, três no Sudeste duas no Nordeste, uma no Sul e uma no Centro-Oeste), com IDH entre 0,768 (Porto Velho) e 0,856 (Porto Alegre). As capitais analisadas foram, por ordem decrescente de IDH: Porto Alegre, Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte, Campo Grande, Recife, Fortaleza, Manaus, Boa Vista e Porto Velho.

Para todas as capitais procederam-se análises dos dados de migração por bairros categorizados como de classe média e de periferia (classes D e E). Para identificar esses bairros, foram utilizadas diversas fontes e referências, de anos diferentes, uma vez que não encontramos um indicador ou conjunto de indicadores uniformes disponíveis para os bairros de todas as cidades em foco. Sobre duas outras capitais, São Luis e Goiânia, anteriormente selecionadas para as compara-

ções, não conseguimos os dados sobre a emigração dos bairros e, dessa forma, não foram inseridas na análise.

A seleção de bairros de cada cidade foi feita a partir de fontes disponíveis, escolhendo os bairros com os mais baixos e mais altos índices por indicador escolhido. Cada cidade tem realidades específicas e, portanto, o valor de um indicador de diferenciação dos bairros numa cidade pode ser diferente para a realidade de outra cidade, ainda que seja o mesmo indicador, como o IDH. Muitas fontes apresentaram indicadores próprios sobre a realidade dos bairros de certas cidades e em alguns casos precisamos nos contentar com informações menos precisas, como indicações de bairros de periferia e de classe média por parte de pesquisadores ou representantes do governo local.

Existem estudos que aplicaram metodologias próprias para classificar os bairros em algumas cidades e outros que apresentam indicadores sem chegar a uma classificação. Neste último caso aplicamos fórmulas de classificação, conforme apresentado no Quadro 1.

Após a categorização dos bairros, elaborou-se tabelas com os dados do Censo 2010 (IBGE, 2012a) por destinos de migração, a partir dos dois conjuntos de bairros de cada cidade, considerando a identificação por sexo dos migrantes. De forma a complementar os dados foram, geradas tabelas dos destinos migratórios dos estados e da imigração para as capitais, construindo um mapa da complexidade migratória de cada cidade.

Para saber o tamanho da população, por sexo, dos estados, cidades e bairros, organizou-se tabelas a partir da tabela 1378: “População residente, por situação do domicílio, sexo e idade, segundo a condição no domicílio e compartilhamento pelo domicílio”, parte dos resultados do universo no item “Características da população e dos domicílios”. Os destinos, por sexo, dos estados, ci-

dades e bairros foram sistematizados a partir da tabela 3173: “Emigrantes internacionais, por sexo, segundo os continentes e países estrangeiros de destino” (IBGE, 2010).

Referências teóricas e conceituais

Os estudos sobre migração são pródigos em afirmar o aumento e diversificação dos fluxos migratórios como marca do século XX, na mesma medida em que cresce sua relevância nos estudos nacionais e internacionais (Hazeu, 2011; Hazeu e Silva 2011; Sassen, 2010; Braga, 2011; Patarra, 2005). Essa relevância parece retratada na diversidade de estudos e análises sobre a migração, de forma a compreender, por exemplo, os fatores relacionados à formação dos espaços transnacionais (Faist, 1999; Sassen, 2010); a compreensão do lugar e do papel das migrações no contexto da reestruturação geopolítica, socioeconômica e cultural global (Braga, 2011); ou a compreensão dos novos padrões, significados e movimentos migratórios com a inclusão de novos elementos, grupos ou atores sociais (Patarra, 2005), entre outros.

Braga (2011) destaca a importância da migração na “compreensão das formas de conexão territorial, já que a razão fundamental da existência destas conexões é interligar as pessoas. O ato de *estar em movimento*, não apenas como uma condição fisiológica vital, mas também como ação socialmente orientada no sentido de estabelecer determinados vínculos sociais é, então, fator essencial para produzir a integração dos espaços, mesmo em tempos de conexões virtuais” (p. 17). O autor destaca, assim, o papel da migração na construção do território como espaço categorizado a partir dos vínculos de sujeitos e grupos e das interações que constroem.

Nessa busca de compreensão, as contribuições metodológicas para análise das migrações e seus significados também ganham

Quadro 1
Síntese dos indicadores de categorização dos bairros

Capital	Indicadores de categorização de bairros utilizados
Rio de Janeiro	Tabela “1172 - Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDH), por ordem de IDH, segundo os bairros ou grupo de bairros – 2000” do plano diretor de 2009 do Rio de Janeiro (Câmara Municipal do Rio de Janeiro, 2013). Categorização: periferia – IDH menor que 0,800; classe média – IDH maior que 0,900.
São Paulo	IDH/2000 dos distritos de São Paulo (disponível em Wikipédia, 2013. acesso em 15/04/2013 e oriunda do <i>Atlas do Trabalho de Desenvolvimento da Cidade de São Paulo, 2007</i> . Categorização: Periferia – IDH menor que 0,800; classe média – IDH maior que 0,900.
Boa Vista	Baseado na Nova Morfologia Urbana (Almeida, Rocha e Silva, 2009), que elaborou tabelas com indicadores sociodemográficos por região urbana. Utilizou-se a combinação da taxa de analfabetismo e a renda média como indicador para classificar os bairros: periferia – taxa de analfabetismo superior a 20% da população do bairro e renda média abaixo de R\$ 500,00; classe média – taxa de analfabetismo inferior a 6,5% e renda média superior a R\$ 1200,00.
Recife	Baseado no <i>Atlas do desenvolvimento humano no Recife 2005</i> para elaboração de um mapa do IDH-M. Este indicador é uma síntese de três dimensões do desenvolvimento humano: longevidade, educação e renda. Os bairros identificados no mapa como de IDH-M abaixo de 0,700 foram considerados como periferia e aqueles identificados como de IDH-M acima de 0,865 como de classe média (Prefeitura de Recife, 2005).
Porto Alegre	Dagnino, Guadagnin e Snel (2006) elaboraram uma aproximação de IDH de 2000 para os bairros de Porto Alegre, uma vez que não tiveram os dados necessários em relação aos bairros para elaborar a IDH conforme a sua definição completa. No cálculo do IDH estimado foram atribuídas notas de 0 a 100 para cada um dos bairros de Porto Alegre. Os Bairros que alcançaram uma pontuação acima de 40 foram identificados como de classe média e com pontuação abaixo de 15 como periferia.
Manaus	Baseado em listagem fornecida pela Secretaria Estadual de Assistência Social do Amazonas (2013). A lista de periferia foi comparada com informação do censo sobre os bairros que contém aglomerados subnormais (IBGE, 2012a).
Porto Velho	Baseado em listagem fornecida por Denise Campos, assistente social do Poder Judiciário em Porto Velho e do Centro de Defesa da Criança e do Adolescente. Os bairros indicados como periferia foram comparados com as informações sobre o aglomerados subnormais no município, segundo o IBGE (2012a).
Belo Horizonte	Baseado na elaboração de indicadores de pobreza e desigualdade das áreas de ponderação do município de Belo Horizonte referente ao ano 2000 em um trabalho coordenado por Ana Flavia Machado (2004). Levou-se em conta o indicador de pobreza calculado (IPC). Os bairros com IPC inferior a 0,1 foram considerados como de classe média e aqueles com IPC maior que 0,14, como periferia, o que corresponde com a classificação dos bairros de Belo Horizonte pela Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas, Administrativas e Contábeis de Minas Gerais (Ipead, 2005) a partir da renda média do chefe de família, conforme o censo de 2000.
Campo Grande	Com base no censo de 2010, o Instituto Municipal de Planejamento Urbano do Campo Grande elaborou o índice de qualidade de vida urbana (IQVU) para todos os bairros da cidade, disponibilizada no <i>site</i> do sistema municipal de Indicadores georreferenciados para o planejamento e a gestão de Campo Grande. O índice é composto por índices de educação, renda e pobreza, sustentabilidade ambiental e moradia (Sisgran, s/d). Os bairros com um IQVU maior que 0,75 foram considerados de classe média e aqueles com um IQVU menor que 0,55, de periferia.

Quadro 1 – continuação
Síntese dos indicadores de categorização dos bairros

Fortaleza	O Laboratório de Estudos de População da Universidade Estadual do Ceará publicou no seu site uma lista de Índice de desenvolvimento humano municipal por bairro de Fortaleza pautada no censo de 2000 (Lepop, s/d). Os bairros com o IDHM maior que 0,8 foram considerados de classe média e os bairros com IDH-M menor que 0,4, de periferia.
Belém	Baseada nos indicadores de renda do <i>Anuário estatístico de Belém 2012</i> (Prefeitura de Belém, 2012). Os bairros em que o rendimento médio das pessoas responsáveis pelos domicílios permanentes era menor que R\$ 600,00 foram considerados de periferia e aqueles bairros onde o rendimento médio é maior que R\$ 1300,00 de classe média.

Fonte: Elaborado pelos autores a partir das referências mencionados no quadro.

relevância e contribuem sobremaneira para ampliar o conhecimento dos processos.

Para os estudos aqui empreendidos diante do conjunto de dados agregados, importa ressaltar duas perspectivas fundamentais de análise: uma é compreender as migrações pela via da análise de redes, sistemas e fluxos; outra é a inclusão da categoria gênero e a compreensão de como ela e as possíveis interseções com outros marcadores de diferenças podem situar os deslocamentos e a configuração dos espaços transnacionais. Pensa-se que vale a pena uma rápida exploração de cada uma delas.

Redes e sistemas migratórios

A perspectiva de redes tem-se constituído em importante referência para o entendimento das migrações devido à possibilidade de compreensão relacional dos processos migratórios em sua estrutura, composição e dinâmica de conexões (indivíduos, grupos, padrões de movimentação, estratégias comunicacionais etc.) (Braga, 2011; Fazito, 2009; Braga; Fazito, 2010).

A importância das teorias das redes também se dá pela possibilidade de focar a ação (*agency*) coletiva dos migrantes e comunida-

des na organização de processos migratórios e de integração. As redes informais proporcionam recursos vitais a indivíduos e grupos, como mecanismos de transmissão de capital cultural – especialmente informação sobre oportunidades de migração, redes e rotas – e capital social – relações pessoais, família e padrões domésticos, amizade e laços comunitários e ajuda mútua em assuntos econômicos e sociais (Castles, 2010).

A teoria das redes também possibilita analisar as relações de poder entre os atores, e tentar “identificar nas relações em rede as lutas, estratégias e táticas” (Foucault, 2011, p. 5) e como as próprias redes “são utilizadas para direcionar, regular, influenciar, controlar” (Saquet; Mondardo, 2008).

Embora o interesse sobre as redes tenha crescido no campo dos estudos de migração, especialmente a partir dos trabalhos de Douglas Massey (Massey *et al.*, 1993), parece que o debate ainda se limita aos aspectos metafóricos das redes sociais, isto é, as análises não avançam para além da simples descrição e, na maioria das vezes, apenas a sugestão de sua existência.

Peixoto (2004) apresenta a ideia de sistemas migratórios que podem basear o olhar das redes migratórias:

Migrações devem ser concebidas como resultados de contextos históricos particulares e adquirem uma dinâmica interna que lhes confere as características de um sistema como um conjunto de países ou regiões que alimentam fluxos migratórios importantes entre si, redes macrorregionais que unem uma região central a uma série de países emissores de migrantes e a interligação entre fluxos migratórios e outro tipo de intercâmbio (político, comercial, cultural e econômico) (p. 27).

São fluxos migratórios dentro de sistemas migratórios, como escreve Sassen:

Os fluxos de imigração ocorrem dentro de sistemas e que esses sistemas podem ser especificados em uma variedade de maneiras [...]. A especificação econômica aqui desenvolvida é uma entre várias possibilidades. Em outros casos, o sistema em que ocorre imigração pode ser especificado em termos políticos ou culturais (2010, p. 119-120).

Saskia Sassen (2010) considera como condições atuais que “estruturam” fluxos migratórios entre dois espaços os antigos laços coloniais, a dominância econômica e espaços transnacionais, a atividade militar, a exportação organizada de trabalhadores e os efeitos devastadores da globalização das economias nos países pobres e o desenvolvimento de complexos turísticos de massa (Sassen, 2010, p. 116).

Fazio (2010, p. 97) entende que, articulado a outros sistemas, será possível identificar sistemas migratórios propriamente ditos:

Pela associação e sobreposição de diferentes ‘redes migratórias’: especificamente ‘redes de fluxos’ e ‘redes sociais’. Enquanto a rede de fluxos representa a estrutura topológica bruta e abstrata de um sistema, a rede social representa a topologia sensível e correspondente ao contexto histórico-social do que faz parte.

Segundo Soares (2004), no debate em relação às correntes teóricas sobre a migração internacional (neoclássica, estruturalista, institucionalista e sistemas mundiais),

a análise de redes sociais parece permitir o trânsito entre a perspectiva “estruturalista” e a “subjettivista”:

A análise de redes admite o constrangimento formal e a racionalidade relativa, o que significa, metodologicamente, trabalhar com uma rigorosa representação algébrica da configuração estabelecida entre as relações sociais e ter em conta o contexto social no qual os atores tomam decisões (p. 101).

Soares (2004, p. 107) defende que uma rede migratória “não se confunde com redes pessoais; estas precedem a migração e são adaptadas a um fim específico, a ação de migrar”, que uma rede migratória “cujas singularidades dependem da natureza dos contextos sociais que ela articula, é também um tipo específico de rede social que agrega redes sociais existentes e enseja a criação de outras” e que uma rede migratória implica origem e destino e a compreensão do retorno como elemento constitutivo da condição de migrante. Através da migração as pessoas constroem novos territórios, territórios-redes, uma vez que:

O território não poderia ser nada mais que o produto dos atores sociais. São eles que produzem o território, partindo da realidade inicial dada, que é o espaço. Há, portanto, um “processo” do território, quando se manifestam todas as espécies de relações de poder [...] (Raffestin, 1993, p. 7-8).

É importante olhar as migrações a partir de redes migratórias de articulação de processos, pessoas e lugares (Assis, 2007; Peixoto, 2004; Sasaki e Assis, 2000). As decisões das pessoas em migrar ocorrem num contexto de pressões, expectativas, sonhos, mercados complexos e em crise, no qual o migrante atua com racionalidade limitada que advém da informação disponível das mais diversas redes migratórias.

As redes migratórias podem ser pensadas como um “conjunto de laços sociais que ligam pessoas e comunidades de origem a cer-

tas pessoas e pontos nas sociedades receptoras, formando uma teia de lugares e pessoas” (Peixoto, 2004, p. 30). Esses laços podem unir migrantes e não migrantes em uma rede complexa de papéis sociais complementares e relações interpessoais que são mantidas por um conjunto informal de expectativas mútuas e comportamentos prescritos.

Segundo Assis (2007) as relações em rede mais importantes são as baseadas em parentesco, amizade e origem comum, as quais são reforçadas por uma interação regular em associações voluntárias.

As redes são também permeadas por relações de poder e podem implicar em migrações não esperadas (ou diferentes) nas análises pautadas nos sistemas migratórios. Nos sistemas e redes migratórios, as pessoas que migram participam e tomam decisões dentro de processos de “desreterritorialização”, de conflitos, de produção de identidades e do espaço onde a vivência multiterritorial e transnacional está cada vez mais presente (Hall, 2009; Canclini, 2009; Haesbaert, 2010, Castles, 2010).

O papel do gênero

A perspectiva processual e relacional da abordagem de redes, bem como a potencialidade de identificação de novos elementos e significados nos padrões migratórios mais recentes, aludem diretamente à necessidade de incluir o gênero como uma categoria fundamental de análise em tais processos. Conforme afirmado anteriormente, importa aqui identificar como o gênero pode atravessar e marcar os deslocamentos e a configuração dos espaços transnacionais e, ainda, quais outros marcadores de diferença medeiam esses processos e como. A variável gênero é, portanto, tomada como importante prenunciador de papéis e de expectativas de papéis sociais e de inserção social, colocando-se

como central na organização de todo o processo migratório e configurando especificidades na origem, no destino e no retorno (Piscitelli *et al.* 2011; Assis, 2011; Hazeu e Silva, 2011).

Vários estudos sobre migração têm produzido um rico e diversificado conjunto de conhecimentos sobre como o gênero, articulado, por exemplo, à “raça”, à etnicidade ou à nacionalidade, afeta as trajetórias migratórias. No bojo desses estudos podemos destacar a ferramenta teórica denominada de “geografias de poder marcadas por gênero” (Mahler e Pessar, 2001), que demonstra a centralidade desse conceito na organização das migrações, uma vez que localiza as mulheres migrantes em hierarquias de poder. Dessa forma, o gênero, nas diferentes experiências ou histórias de migração, atua como o grande marcador e definidor das situações e experiências, sendo fundamental para o posicionamento das mulheres nas dinâmicas das redes tanto na origem como no destino e retorno (Piscitelli, 2011; Hazeu e Silva, 2011; 2013).

Estudos sobre migração de mulheres na Amazônia demonstram que a migração internacional de mulheres das periferias de Belém passou a assumir grande relevância na produção e organização da forma de vida da periferia (produção da periferia), contribuindo para compreender como as mulheres pagam altos preços por sua opção e participação ativa no projeto migratório, impondo sua presença em contextos distintos, na origem – onde em geral é invisibilizada – e no destino – onde sua presença é incomoda e ameaçadora (Hazeu e Silva, 2011; 2013).

O olhar do gênero no processo migratório assume significado tanto metodológico como político, uma vez que aponta para a ampliação do debate sobre as diferenças para incluir as questões e a condição da mulher, provocando uma redefinição nos para-

digmas tradicionais de pesquisa, ao tomar a “experiência pessoal e subjetiva das mulheres” (Scott, 1990) como categoria de análise do fenômeno migratório, chamando a atenção para que essa experiência subjetiva, como produtora de identidades, se constrói no confronto cotidiano dentro de contextos específicos, não sendo, portanto, nem estável nem genuína, mas “efeitos de instituições, práticas e discursos cujos pontos de origem são múltiplos e difusos” (Butler, 2008, p. 09).

Nos limites deste trabalho, interessa descobrir e discutir o lugar das migrantes na conformação dos fluxos migratórios, conferindo singularidades a esses fluxos, submetendo, questionando ou reconstruindo os padrões recentes de migração.

Identificando tendências migratórias

Esse diálogo teórico-conceitual permite identificar pelo menos quatro tendências migratórias no contexto da globalização econômica e política, articuladas, e às vezes coerentes e contraditórias, que tomamos como referência para interpretar os dados sobre emigração do *Censo 2010* e especialmente sobre a migração das periferias de Belém.

Em primeiro lugar, pode-se observar que a migração de mão de obra (tanto a pouco ou não qualificada como a qualificada), decorrente da permanente redivisão internacional do trabalho e (re)alocação da produção, continua, principalmente dentro dos próprios países ou entre países em uma mesma região, especialmente na Ásia e na América Latina. Essas permanentes realocações das atividades vinculadas à produção se somam à desregulação dos direitos trabalhistas, que ocorre no mundo todo, estimulada ou exigida pelas instituições multilaterais, como o Fundo Monetário Internacional (FMI), e reforçada pela própria tendência neoliberal de muitos governos.

Observa-se uma crescente tendência de subcontratação e terceirização de serviços e obrigações para empreiteiros. Não há mais nenhum vínculo direto com a empresa mãe nem uma identificação do trabalhador com a empresa, o local e a produção, avançando a alienação. Entretanto, há trabalhadores vinculados a empreiteiros e empresas especializadas em certo tipo de serviços, que começam a levar seus trabalhadores de uma obra para outra criando uma mobilidade extrema e, ao mesmo tempo, um estranhamento com os locais, reorganizando a família o tempo todo e conferindo lugar de destaque para as redes que se organizam – pessoais, institucionais, econômicas e culturais.

Além do setor de produção, cada vez mais mundializado, cresce a demanda por mão de obra no setor de serviços, principalmente nos países e centros onde se concentram as populações com maior renda. Para esse mercado, identificado nas metrópoles (entendidas tanto no sentido de grandes centros urbanos como no sentido de países ricos, ou seja, “desenvolvidos” ou produtores de petróleo), há uma migração das periferias (internas e internacionais), com prevalência de migrantes femininas.

Nessas migrações, encontram-se práticas de trabalho escravo e tráfico de pessoas, pois essa migração com diversas formas de recrutamento se insere na lógica do mercado, na qual até as formas mais extremas de exploração do trabalhador fazem parte, o que leva à aparente contradição de estimular a mobilidade de trabalhadores para imobilizá-los. Essa imobilização se faz através de dívidas (adquiridas no processo migratório e no local de moradia e trabalho), isolamento, cárcere privado, ameaças, violência física ou uma combinação desses métodos.

Também observa-se uma movimentação acelerada de mão de obra qualificada em termos tecnológicos (informática, engenharia

e administração) e de gestão (empresários e dirigentes). Essa migração se caracteriza pela internacionalidade ou transnacionalidade, envolvendo pessoas qualificadas de todos os cantos do mundo. É a elite trabalhadora que é posta em movimento pela mobilidade do próprio capital. Para esse fluxo de migrações, a ocidentalização e padronização dos sistemas educacionais e a globalização acadêmica hegemônica são importantes catalisadores, pois o currículo unificado possibilita a inserção dos trabalhadores formados em qualquer lugar do mundo na produção e especulação com as mesmas lógicas, pressupostos, concepções e conhecimentos técnicos (Sassen, 2010), o que faz das metrópoles territórios por excelência deste tipo de migração.

Uma segunda questão migratória se refere à disputa permanente pelo *acesso e domínio sobre os recursos naturais* e tem envolvido estratégias extremas, provocando consequências sociais e migratórias abrangentes. Nesse campo estão incluídos:

- guerras pelo acesso e domínio dos recursos (Iraque, Líbia, Afeganistão), provocando o deslocamento de milhares pessoas de suas terras (deteritorialização) – às vezes chamadas de refugiadas –, a destruição (parcial) da base produtiva do país e a chegada de militares, administradores e engenheiros das economias invasoras;
- cerceamento de áreas de recursos naturais, como a criação de parques naturais, florestais, minerais e extrativistas, expulsando a população ou limitando sua permanência, usufruto e direito sobre as riquezas naturais ou utilizando novos mecanismos de mercado, como a economia verde, para conseguir títulos de posse;
- agricultura comercial em larga escala, obras de infraestrutura e de produção

energética para garantir acesso e exploração de recursos naturais, mas que desestruturam economias locais (com inundações, abertura ou isolamento de certas áreas, ou com extinção ou escassez de recursos para sobrevivência), levando pessoas a serem forçadas a sair, enquanto se estimula, ao mesmo tempo, outro fluxo de mão de obra em direção às obras. Aqui aparecem duas condições diferentes que podem induzir à migração: o favorecimento do acesso à migração para trabalhadores em melhor situação (renda, qualificação) ou a desterritorialização de trabalhadores desprivilegiados (menos qualificados) que precisam buscar alternativas de sobrevivência, que pode ser a emigração também (Sassen, 2010).

Esses processos criaram, desde a década de 1970, uma grande massa de trabalhadores desterritorializados nos países periféricos, que se somaram ao contingente populacional urbano – o que pode ser chamado de proletarização urbana da população (Cohen, 2006) –, criando condições para o capital começar sua distribuição mundial das atividades de produção. Essas condições podem estar relacionadas com a migração transfronteiriça, por exemplo.

Uma terceira questão migratória se refere aos desdobramentos e contradições das migrações consideradas de mão de obra. Obviamente, não se trata de migração de mão de obra estritamente, mas a mobilidade de sujeitos complexos, membros de *redes familiares* e comunitárias e que estimulam, com sua migração, migrações de familiares, vizinhos, colegas etc. que, sem a migração pioneira, não teriam se inserido nos movimentos migratórios, que assumem a forma de redes e formam muitas vezes famílias e comunidades transnacionais, possibilitadas

pelo avanço tecnológico de comunicação e transporte e que assumem dinâmicas migratórias às vezes diferentes daquelas que originaram a migração inicial ou que outros fatores poderiam induzir. Essa questão aduz a pensar em diferentes sujeitos ou grupos de migrantes (perfis diferenciados de gênero ou classe, por exemplo), nas configurações diferenciadas de fluxos e nos novos significados que tais sujeitos conferem ao fenômeno migratório.

A quarta tendência migratória se constitui a partir da *metropolização* da economia global e da globalização cultural, na qual os grandes centros urbanos se tornam centros de serviços, de comércio, de poder político e de consumo, com consumidores permanentemente informados sobre os produtos do mercado globalizado. A consequência é, de um lado, uma migração em direção às cidades para fazer parte deste mundo global, e ao mesmo tempo uma nova concepção cosmopolita entre os habitantes urbanos de fazer parte do mundo e de poder (ter direito a) viajar, uma vez que o “outro mundo” não parece tão diferente e distante. Esta migração, apesar de se misturar com as migrações de mão de obra, deve, principalmente, ser entendida como uma migração de sujeitos em busca de sua cidadania moderna, o que engloba o direito de consumir (inclusive de viajar, acessar outros países, casar com pessoas de outros países etc.). Não se trata somente de uma classe elitista, mas todas as classes sociais nos grandes centros urbanos. Não migrar como “mão de obra” parece contestar a razão que lhe servia de alibi, o trabalho, segundo Sayad a única razão aceita de ser do imigrante: “Na falta deste motivo estaria confinado ao absurdo aos olhos da razão nacional, pois a presença imigrante não poderia conter em si mesma seu próprio fim” (Sayad, 2000, p. 21).

Essas questões indicam a necessidade de articular, na compreensão da migração, uma diversidade de fatores ou aspectos que vão desde dinâmicas político-econômicas mais amplas até fatores aparentemente individuais que envolvem a decisão de migrar. Aponta-se, assim, para o reconhecimento de que um migrante é um sujeito completo e complexo, muito além de “mão de obra”, como pensado nas teorias e sistemas que analisam e se organizam a partir da definição dos sujeitos sociais como grupos, classes ou categorias homogêneas. Cada sujeito que migra articula histórias, culturas, religiões, crenças, interpretações e concepções particulares, construídas em contextos diferentes e que não se apagam nem no momento de emigrar nem quando se torna imigrante num outro lugar. A migração, portanto, não é a simples redistribuição de mão de obra, mas um processo de intercâmbios, conflitos, articulações e encontros culturais junto com os processos vinculados a divisão internacional do trabalho.

A globalização por sua vez, não é um processo unilateral ou a imposição completa de uma sociedade, um modelo, uma cultura sobre outras. A globalização também significa uma hibridização cultural que produz, reafirma, resgata ou ressignifica novas realidades e identidades. Estudos culturais chegam a analisar essas novas realidades que acompanham a globalização econômica e mostram que as migrações e os migrantes contribuem, por meio dos encontros, das diásporas e da vivência transnacional, para essas mudanças contra-hegemônicas, muito além da ocidentalização do mundo.

A globalização econômica é articulada a vários movimentos migratórios que parecem às vezes funcionais ou seguidores de lógicas econômicas e geopolíticas, mas assumem, ao mesmo tempo, características contraditórias, pois trata-se de sujeitos em migração, se-

guindo e transformando as rotas migratórias e realidades sociais por onde passam e das quais participam. Respondem aos estímulos da globalização econômica e formam forças de resistência à mesma globalização. Questionam a hegemonia dos Estados-nações e, ao mesmo tempo, a reforçam. Fazem parte da mão de obra disponibilizada ou empregada na economia globalizada e são presença incômoda nos centros do sistema mundial. São movidos pela lógica da divisão mundial do trabalho e tecem suas próprias redes e lógicas de migração ao mesmo tempo.

Contextualização do debate: a Amazônia e o Brasil

Para dar início ao debate sobre a migração de mulheres oriundas de periferias de grandes cidades, especificamente Belém, considera-se necessário situar o lugar de Belém e da Amazônia no cenário brasileiro, por considerarmos que pesquisar a migração internacional no Brasil sem considerar sua imensa diversidade esconderia mais que revelaria.

Como em todas as relações geopolíticas, na ciência também existem disputas em torno de pontos de vista e referências e assim é possível imaginar certo etnocentrismo nos estudos migratórios no Brasil, nos quais as regiões Sul e Sudeste ocupam um lugar hegemônico na produção do conhecimento acadêmico, inclusive sobre a Amazônia, tomando como referência a realidade do Sul e Sudeste e até confundindo, por vezes, o Norte com o Nordeste. O que significa quando outras realidades dentro do Brasil, como na Amazônia, divergem radicalmente daquelas consideradas como referência?

A Amazônia se diferencia mais da região Sul do que esta da Argentina. O Suriname tem mais em comum com a Amazônia brasileira do que esta com o Sudeste brasileiro. Dentro da própria região há tantas diferen-

ças que a Amazônia como unidade praticamente não existe.

A formação social e econômica da Amazônia percorreu caminhos muito particulares dentro do Brasil, ao qual foi fisicamente integrada somente nos anos 1960, o que causou impactos e mudanças radicais para a região. A Amazônia cobre mais que a metade do território brasileiro, faz fronteira com sete países sul-americanos e um território (Guiana Francesa) pertencente a um país europeu e possui características naturais sem igual (maior floresta tropical, maior biodiversidade, maior quantidade de água doce, maior rio do mundo). É uma região de planos de desenvolvimento e estrondosos investimentos em atividades como a construção de hidrelétricas, mineração e monoculturas de dendê, soja e eucalipto. Mas também é moradia de uma imensa diversidade populacional (povos indígenas, quilombolas, ribeirinhos, população urbana) e palco de intensos conflitos pela posse e uso da terra, governada, em grande parte, por atores de fora da região (governo federal, empresas transnacionais e nacionais). Sua história é marcada por migrações internacionais e internas (Forline, 2000).

Antes de olhar com mais profundidade a migração feminina da periferia de Belém em relação à migração masculina, migração dos bairros de classe média e a migração de outras cidades, considera-se útil apresentar algumas diferenças nos padrões regionais de migração internacional, uma vez que Belém se localiza na região Norte, estatisticamente invisibilizada devido à baixa quantidade populacional e o peso correspondente nas migrações.

A região Sudeste é responsável por 49% das migrações registradas pelo censo no Brasil. Distante deste número, do Sul migram 17%, do Nordeste 15%, do Centro-Oeste 12% e do Norte apenas 7%.

Tabela 1
Migrações oriundas dos estados da região Norte

Total de migrantes internacionais por estado da região Norte							
Norte	Rondônia	Acre	Amazonas	Roraima	Pará	Amapá	Tocantins
33966	7785	1276	3582	1181	13649	2310	4183
Percentual de migrantes do total de migrantes na região Norte							
100	23	4	11	3	40	7	12
Total de migrantes por mil habitantes							
2,1	5,0	1,7	1,0	2,6	1,8	3,5	3,0
Percentual de mulheres migrantes							
59	50	53	65	48	62	58	66
Principais destinos em ordem decrescente de migrantes							
% de migrantes							
Espanha 16	Espanha 27	Bolívia 68	Estados Unidos 13	Venezuela 35	Estados Unidos 14	Guiana Francesa 47	Espanha 30
Estados Unidos 14	Portugal 23	Estados Unidos 7	Japão 10	Suriname 8	Espanha 11	França 31	Portugal 22
Portugal 12	Estados Unidos 21	Espanha 4	Suíça 10	Guiana Francesa 4	Suriname 9	Suriname 6	Estados Unidos 9
Bolívia 8	Bolívia 12	Portugal 4	Espanha 8	Estados Unidos 4	Portugal 9	Itália 2	Suíça 5
Guiana Francesa 7	Itália 3	Itália 3	Itália 7	Espanha 3	Guiana Francesa 9	Bolívia 2	Itália 4
França 7	Reino Unido 2	Japão 3	Venezuela 5	Bolívia 2	França 9		Reino Unido 4
Japão 5	Japão 2		Portugal 5	França 1	Japão 8		Bolívia 4
Suriname 5	França 2		Bolívia 5		Holanda 4		França 4

Fonte: Elaborada pelos autores com base em: IBGE, Censo demográfico 2010.

Enquanto do Brasil como um todo as mulheres migram mais que os homens, 54% *versus* 46%, essa diferença é muito mais acentuada no Nordeste (63% *versus* 37%) e no Norte (59% *versus* 41%) do que no Centro-Oeste (56% *versus* 44%), Sul (48% *versus* 52%) e Sudeste (49% *versus* 51%). Ou seja, as mulheres das duas regiões mais pobres do país migram internacionalmente muito mais do que os homens dessas regiões.

Em relação aos destinos principais da migração a partir do Brasil e das cinco regiões, a Bolívia, a Guiana Francesa e o Suriname se destacam entre os dez principais destinos na região Norte, mas que são irrelevantes para as outras regiões (com exceção do Suriname, que aparece como destino para a migração masculina do Nordeste).

Dentro da região Norte, chamada de forma genérica de “Amazônia”, há uma diversidade imensa, o que se reflete nos destinos internacionais de migração, diferenciados também de acordo com os estados de origem (conforme Tabelas 1 e 2).

Os estados de Rondônia e do Pará são origem de 63% de toda a migração internacional da Amazônia, enquanto Amapá, Acre e Roraima juntos representam menos que 15% das migrações. Porém, proporcionalmente ao tamanho da população, Rondônia se destaca com 0,50% de migrantes, seguida por Amapá (0,35%), Tocantins (0,30%) e Roraima (0,26%), enquanto Pará (0,18%), Acre (0,17%) e Amazonas (0,10%) fecham a fila com menores percentuais de migrantes em relação a sua população total.

Essa observação é importante, pois mostra que territórios com uma população relativamente pequena em comparação aos demais podem se configurar como territórios de migração dinâmicos.

Mesmo que a região Norte apresente uma maioria de migrantes femininas (59%), dentro da região esse não é sempre o padrão.

O estado de Roraima tem mais homens (52%) migrando que mulheres (48%), o estado de Rondônia apresenta um equilíbrio (50% *versus* 50%) e no Acre só há uma tímida diferença (53% mulheres e 47% homens).

Um olhar mais detido sobre os destinos

Os dados do censo de 2010 ainda permitem identificar peculiaridades na relação de origem e destino de homens e mulheres por Estado. O estado de Roraima é caracterizado pela história de garimpagem e com países vizinhos com atividades garimpeiras, atividade que envolve sempre um contingente maior de migrantes masculinos, o que parcialmente pode explicar a predominância da migração masculina. Rondônia apresenta uma situação curiosa, pois é o único estado na região no qual há quase duas vezes mais homens migrando para os Estados Unidos do que mulheres (14% *versus* 8% da população migrante total), enquanto para os outros destinos as mulheres predominam ou há certo equilíbrio. No Acre há uma situação similar, neste caso só há uma pequena maioria de homens migrando para a Bolívia (35% *versus* 33%), o principal destino de migração (68%).

A relação entre a migração feminina e masculina para um mesmo destino pode influenciar na visão geral da migração de homens e mulheres, caso se trate de um destino relativamente importante. A migração para destinos diversos pode, porém, apresentar realidades muito diferentes em termos de divisão de sexo, sistemas e lógicas de migração implicadas.

Nos outros estados, as mulheres representam a maioria absoluta de migrantes: Amapá (58%), Pará (62%), Amazonas (65%) e Tocantins (66%), nos quais só a migração para Bolívia, com pouca expressão relativa, é predominantemente masculina.

A migração internacional dos estados de Roraima, Acre e Amapá se destaca pelo percentual expressivo da migração destinada a países específicos (Venezuela, Bolívia e Guiana Francesa, respectivamente). Roraima apresenta ainda um percentual alto de destino para “outros países da América Latina”, que neste caso provavelmente se refere à República Cooperativista da Guiana, que faz fronteira com o estado e faz parte do cinturão pan-amazônico de países com atividade garimpeira.

Espanha e Portugal juntos são os destinos europeus mais expressivos na região Norte (28% das migrações), com destaque para Tocantins (52%) e Rondônia (50%), os quais tiveram um crescimento populacional recente com migrantes do Sul e Centro-Oeste do país, dos quais Espanha e Portugal tradicionalmente são importantes destinos de migração. No Pará, 20% da migração se dirige a esses dois países, enquanto nos demais estados a importância é bem menor: Amazonas (13%), Acre (8%), Roraima (3%), Amapá (2%).

Os Estados Unidos, principal país de destino da migração internacional brasileira (24%), na região Norte representa 14% das migrações. Rondônia apresenta o maior percentual de migrantes para os Estados Unidos, com 21%, embora atrás de Espanha e Portugal como destinos principais. Há ainda o fato destoante de ser o único estado na região com (duas vezes!) mais homens do que mulheres migrando para os Estados Unidos. Para Amazonas e Pará, os EUA são o principal destino (13% e 14%), ainda que longe da média brasileira; nos demais estados é um destino menos relevante (Tocantins 9%, Acre 7%, Roraima 4%, Amapá 1%). Essa baixa procura pelos Estados Unidos por parte dos migrantes da região Norte parece refletir uma tendência geral na qual os Estados Unidos são o des-

tino de regiões, estados, cidades e bairros com maiores Índices de Desenvolvimento Humano (IDH).

Essas diferenças indicam sistemas migratórios variados e fatores específicos que organizam e estruturam a migração, que vão além ou se relacionam com as motivações pessoais individuais para migrar. Sassen (2010) mostra que relações migratórias entre diferentes países se sustentam em outras relações (políticas, históricas, econômicas, culturais) bi ou internacionais anteriores, o que pode ser uma forma de analisar as diferenças dos sistemas e dinâmicas migratórios que se configuram nos diferentes estados. Porém, além disso, ela sugere também que a migração internacional na contemporaneidade pode ser analisada a partir das questões que estruturam hoje os fluxos migratórios, como recrutamentos diretos por empresas e governos, redes migratórias e tráfico de pessoas (Sassen, 2010).

Uma comparação entre as tendências migratórias gerais dos estados da Amazônia mostra as seguintes características:

Os estados de Acre, Amapá e Roraima estão em sistemas migratórios que envolvem entre dois e três destinos principais (mais que 75% da migração); são os três estados de menor população, nos três extremos da Amazônia brasileira.

Os destinos dos estados amazônicos se dividem entre os Estados Unidos, Europa (principalmente Portugal e Espanha) e os países pan-amazônicos. Neste último caso se confirma a importância das migrações transfronteiriças, com uma provável relação com as permanentes disputas por recursos naturais, grandes projetos de infraestrutura e os processos de “desreterritorialização” a eles associados. O único estado considerado amazônico sem nenhuma fronteira internacional, Tocantins, não possui migração significativa para qualquer país sul-americano.

Os estados com fronteiras internacionais conectadas por estradas apresentam migrações transfronteiriças mais significantes e diretamente ligadas ao país vizinho (Amapá-Guiana Francesa; Acre-Bolívia; Roraima-Venezuela e Roraima-Guiana; Rondônia-Bolívia), enquanto em Pará e Amazonas, sem fronteiras internacionais conectadas por estradas, a migração com os países vizinhos seguem lógicas mais diversas.

Há sistemas migratórios entre os países que se pautam no comércio transfronteiriço, o que inclusive se traduz em uma imigração também dos países vizinhos para os estados em questão. Outro sistema migratório relacionado é estruturado na garimpagem, principalmente de ouro, que se estende para outros estados e países com histórico de garimpagem.

Ser fronteira internacional na Amazônia também significa estar geograficamente distante do mercado central e do sul do Brasil, e da convivência econômica e cultural dos estados mais distantes.

Qual é o lugar de Belém neste contexto migratório?

Belém: metrópole amazônica de migrações

A atual cidade de Belém surgiu no contexto da colonização da Amazônia, como lugar de defesa dos interesses dos portugueses contra outras forças colonizadoras e contra a população em geral, indígena principalmente. Sua posição dentro da dinâmica da ocupação, exploração, domínio e organização da Amazônia influenciou a formação da cidade e da sua população, ora como centro de poder, ora como refúgio de pessoas expulsas do interior da Amazônia; um centro com especulação imobiliária e uma periferia densa, ambos se expandindo na região metropolitana.

A cidade, em seu processo de urbanização, reflete o mesmo processo de integração das demais cidades da região, com muitas especificidades em termos de dinâmicas socioeconômicas e espaciais em relação às demais cidades de outras regiões do país. A despeito de a capital ter experimentado um médio crescimento populacional nas últimas décadas –1.244.690 habitantes em 1991; 1.144.312 em 1996; 1.280.614 em 2000; 1.393.399 em 2010 (IBGE, 2010) –, o acirramento dos problemas sociais é extremo. Belém concentra 63,3% da população da Região Metropolitana, e figura como a 8ª capital mais violenta do país (Waiselfisz, 2012). A região metropolitana concentra 28,4% e 30,7% dos domicílios que vivem com renda de até ½ salário mínimo e de ½ a 1 salário mínimo respectivamente; 68,8% dos domicílios não têm rede de esgotamento sanitário. As gerações mais jovens são fortemente impactadas: o Pará tem a menor taxa líquida de jovens frequentando a escola (31,6%), sendo que na Região Metropolitana cerca de 59% dos jovens de 15 a 17 anos estão fora da escola; além disso, 10,4% dos adolescentes de 10 a 15 anos estão trabalhando. O estado tem apresentado os piores desempenhos nos instrumentos de avaliação da educação, ainda tem mais de 10% da população analfabeta e mais de 50% dos professores sem a escolaridade mínima exigida para a atuação docente; por outro lado, a taxa de homicídios em faixa etária jovem chega a 43,7% (IBGE, 2012b; MEC/INEP, 2011).

Na Região Metropolitana de Belém, o processo de periferização aparece como importante forma de expansão do tecido urbano, refletindo significativa segregação socioespacial, com um inchaço das periferias caracterizadas por grande densidade populacional e pelo não acesso ou acesso precário a diversos equipamentos e serviços públicos (condições de moradia, saúde, lazer, esgoto, segurança pública etc.).

A configuração é de uma cidade dividida tanto do ponto de vista geográfico como social, em especial quanto ao acesso a renda, direitos básicos e possibilidades de inserção social. Essa forma de composição do tecido urbano lança vários desafios para entender o significado dessa organização socioespacial, inclusive a organização de uma hierarquia urbana e das redes e fluxos que se constroem dentro da cidade.

Não há como negar que a migração está relacionada com essa dinâmica das redes urbanas. Tampouco há como negar que, a despeito da notória segregação espacial e social, também o desenvolvimento tecnológico e comunicacional impacta (ainda que de forma diferenciada) os diferentes espaços e sujeitos dessa rede urbana. Neste sentido, o avanço da globalização parece exercer um papel fundamental nas possibilidades de conformação de fluxos, sem esquecer que eles têm forte viés econômico e espacial.

A cidade aparece como o espaço onde os fluxos e as redes se estruturam e se materializam, incluindo aí os fluxos simbólicos ou representacionais. O desenvolvimento tecnológico e de comunicação potencializa as possibilidades de interação e aumenta a mobilidade das pessoas, mas não da mesma forma nem para todos os sujeitos. Nesse sentido ainda, as conformações de fluxo tendem a repetir a mesma forma de organização socioespacial da cidade, onde as possibilidades de mobilidade e circulação aparecem diferenciadas e, em geral, relacionadas ao acesso a recursos materiais e capital social que podem ser decisivos para a inserção social.

Esses são alguns dos aspectos que podem ajudar a compreender a existência de territórios diferenciados de migração internacional de mulheres em Belém.

A pesquisa sobre tráfico de mulheres, crianças e adolescentes para fins de exploração sexual comercial no Brasil apontou a re-

gião Norte como uma das principais regiões de ocorrência do tráfico (Leal e Leal, 2002), com destaque para o estado do Pará. Compartilhando as críticas em relação à metodologia (Davida, 2005), que apontam para o problema de denominação de situações de migração e prostituição em jornais e processos judiciais como tráfico de pessoas, as rotas identificadas apontam, pelo menos, para a existência de certos fluxos migratórios.

Um levantamento feito com 96 mulheres que solicitaram um novo passaporte na Polícia Federal do Pará durante os meses de abril, maio e junho de 2010 mostra uma acentuada procura por parte de mulheres das periferias de Belém (64%), apontando três grupos de destinos: Suriname/Holanda (24%), Guiana Francesa/França (22%) e Portugal/Espanha (26%) (Hazeu, 2011).

As pesquisas sobre tráfico de mulheres e migração feminina em Belém (Hazeu e Silva, 2008; Hazeu e Silva, 2011; Hazeu, 2011) apontam para destinos específicos, com trajetórias diferenciadas de outros lugares do Brasil. As histórias reveladas nos estudos citados são muito parecidas entre si na origem e no retorno, o que fortalece a hipótese de pensar a periferia de grandes cidades na Amazônia, como Belém, como territórios diferenciados de migração internacional feminina, inseridos em sistemas e redes migratórias particulares, induzindo a questionar o que faz essa diferenciação.

Conforme dito anteriormente, a configuração de Belém (a exemplo de outras cidades brasileiras) é de uma cidade dividida geográfica e socialmente. Uma divisão que reflete ou revela condições diferenciadas de acesso a renda, serviços básicos e oportunidades de inserção e participação na dinâmica social. Uma das suposições básicas deste artigo é a de que a migração, por tratar-se de um fenômeno (processo) social intrinsecamente relacionado à dinâmica de vida e produção das

peças e dos grupos, está relacionada com essa dinâmica socioespacial das redes urbanas.

A continuidade do diálogo com os dados do censo de 2010 (IBGE, 2012a) sobre emigração, parece confirmar essa hipótese, apontando os destinos diferenciados em relação às diversas origens e ainda a diferença entre destinos e (possivelmente) inserção entre homens e mulheres.

De início parece possível afirmar a existência de padrões característicos semelhantes entre Belém e o Pará como um todo em relação à migração internacional, especialmente em relação à maior incidência de mulheres, ainda que Belém revele diferença de aproximadamente cinco pontos percentuais em relação ao estado. Belém contribui com 30% do total de migrantes do estado, sendo que concentra 18% da população paraense.

Nos dois casos, a lista dos principais destinos envolve EUA, Suriname e Portugal, com diferença apenas na segunda posição (Espanha no estado, França na capital). Um aspecto importante diz respeito a outros países da América do Sul (Bolívia, Venezuela e Argentina) como destinos consideráveis no estado (5% dos migrantes), mas que não são oriundos de Belém.

As Tabelas 3 e 4 permitem observar também que há certa coincidência de destinos com atração semelhante por gênero (EUA, Guiana Francesa e Japão) e destinos com atração desigual – sendo que nestes há forte atração de mulheres (Suriname, Espanha, Portugal e Alemanha). O Suriname revela diferenças na comparação entre Pará e Belém: enquanto no estado a atração é mais aproximada entre homens e mulheres, em Belém a diferença é bastante evidente, com nítido predomínio das mulheres atraídas.

Acredita-se que, para a compreensão do fenômeno migratório, as questões de “por quê”, “como” e “quem” migra se encontram estreitamente imbricadas, o que justifica investigar um pouco mais detalhadamente os diversos fatores que contribuem para construir o perfil da população migrante.

O recorte de gênero se constitui como um dos elementos fundamentais, já que se pode pensar em motivações e impactos diferenciados, principalmente quando atravessados por relações distintas de gênero, classe, raça e território de origem. Como os grupos (gênero e classe) não são homogêneos, explorar diferenças pode fazer diferença na compreensão. Dessa forma, a análise por origem sociogeográfica parece reveladora, como parecem confirmar os detalhes das migrações por bairros: classe média e periferia.

Antes de observar esses dados (classe média versus periferia por gênero), vale ressaltar que a migração dos bairros de classe média é relativamente maior do que dos bairros de periferia: 5,5 por mil versus 3,0 por mil moradores.³

Na análise das Tabelas 5 e 6 alguns aspectos chamam a atenção:

- 30% de todos os migrantes de Belém são mulheres das periferias e 17% são mulheres do centro (total de migrantes de Belém: 4135 pessoas; migrantes mulheres da periferia: 1239; migrantes mulheres do centro: 701; o restante, 855 mulheres, são de bairros intermediários). Obviamente que este fato está relacionado a maior concentração de população nas áreas periféricas, entretanto, proporcionalmente a migração de mulheres da periferia é também maior.

3 Belém – classe média: 10 bairros; total de migrantes: 1104; população total dos bairros: 200.389 pessoas.
Belém – periferia: 28 bairros; total de migrantes: 1770; população total dos bairros: 590.863 pessoas.

Tabela 3 – Principais destinos migratórios do Pará (geral)

Pará	Total	% Total	Homens	Mulheres	% Homens	% Mulheres
Total	13649	100	5159	8490	37,8	62,2
Eua	1974	14,5	851	1123	6,23	8,23
Espanha	1538	11,3	347	1191	2,54	8,73
Suriname	1288	9,4	537	751	3,93	5,5
Portugal	1209	8,8	355	854	2,6	6,26
Guiana Francesa	1186	8,7	597	589	4,37	4,32
França	1169	8,5	393	776	2,88	5,69
Japão	1133	8,3	536	597	3,93	4,37
Holanda	578	4,2	120	458	0,88	3,36
Itália	435	3,1	106	329	0,78	2,41
Suiça	410	3	68	342	0,5	2,51
Alemanha	391	2,9	82	309	0,6	2,26
Bolívia	338	2,4	201	137	1,47	1
Reino Unido	306	2,2	117	189	0,86	1,38
Venezuela	226	1,6	122	104	0,89	0,76
Argentina	161	1,1	86	75	0,63	0,55

Fonte: Elaborada pelos autores com base em: IBGE, Censo demográfico 2010.

Tabela 4 – Principais destinos migratórios de Belém

Belém	Total	% Total	Homens	Mulheres	% Homens	% Mulheres
Total	4135	100	1340	2795	32,41	67,59
Eua	477	11,5	170	307	4,11	7,42
França	461	11	126	335	3,05	8,1
Suriname	390	9,4	112	278	2,71	6,72
Portugal	354	8,5	113	241	2,73	5,83
Espanha	330	8	75	255	1,81	6,17
Japão	300	7,2	146	154	3,53	3,72
Guiana Francesa	291	7	115	176	2,78	4,26
Holanda	271	6,5	44	227	1,06	5,49
Alemanha	209	5	42	167	1,02	4,04
Suiça	142	3,4	23	119	0,56	2,88
Reino Unido	111	2,6	34	77	0,82	1,86

Fonte: Elaborada pelos autores com base em: IBGE, Censo demográfico 2010.

Tabela 5 – Principais destinos das migrações de Belém por bairros: classe média

Belém classe média (%)			
Destínos	Total	Homens	Mulheres
Total	100	36,5	63,5
Estados Unidos	21,6	9	13
Portugal	11,8	4,7	7
França	8	2,4	5,6
Japão	7	3,6	3,3
Espanha	7	1,9	5
Alemanha	5	0,9	4,3
Itália	5	1	3,9
Reino Unido	4,8	1,7	3
Argentina	3	2	0,9
Holanda	2,8	0,8	2
Canadá	2,8	0,6	2
Guiana Francesa	2,2	0,7	1,5
Suíça	2,1	0,3	1,8
Suriname	1,4	0,3	1

Fonte: Elaborada pelos autores com base em: IBGE, Censo demográfico 2010.

Tabela 6 – Principais destinos das migrações de Belém: periferia

Belém periferia (%)			
Destínos	Total	Homens	Mulheres
Total	100	30	70
Suriname	18	5	13
França	13	3	10
Guiana Francesa	12	5	7
Holanda	10	1	9
Espanha	8	2	6
Portugal	7	2	5
Japão	5	2	3
Estados Unidos	4	1	3
Suíça	4	1	3
Alemanha	4	1	3

Fonte: Elaborada pelos autores com base em: IBGE, Censo demográfico 2010.

- Há maior disparidade na relação entre homens e mulheres na periferia (classe média: aproximadamente 26% mais mulheres que homens; periferia: 40% mais mulheres). Significa dizer que nos bairros de classe média homens e mulheres migram mais igualmente, enquanto na periferia a migração é predominantemente feminina. Por que muda essa relação?
- Os destinos também diferem: os bairros de classe média tendem a refletir o mesmo movimento evidenciado no estado para os dois primeiros destinos (EUA e Europa); entretanto, a periferia de Belém traz como primeiro destino, o país que aparece em terceiro lugar no estado e na cidade de Belém: o Suriname. Ou seja, a periferia de Belém é responsável por colocar o Suriname na lista dos principais destinos da cidade de Belém; já que este destino é inexpressivo em relação ao centro.
- EUA e Portugal aparecem como os principais destinos da classe média, com 33%, enquanto que representam apenas 11% em relação à periferia.
- Por outro lado, Suriname e Guiana Francesa são destinos de 30% da periferia e de apenas 3,5% da classe média.
- Marcador importante já referido é que o Suriname é um destino expressivo de mulheres na capital, embora o primeiro destino de mulheres seja a França.
- Pode-se afirmar serem França e Suriname os principais destinos de mulheres migrantes na capital paraense. Vale uma observação, pois o destino “Guiana Francesa”, apresentado separadamente, é de fato um território francês, o que pode induzir a resposta “França” à pergunta sobre países onde moram membros da família. Guiana Francesa e França juntos são responsáveis por 25% das migrações das periferias e 10% das migrações dos bairros de classe média.

Esse conjunto de dados permite evidenciar fluxos específicos ligando a cidade de Belém a países específicos. Isso nos leva a indagar quem são esses migrantes e o que pode explicar ou justificar essas conexões e, ainda, o que elas significam do ponto de vista das dinâmicas relacionais entre os países.

A predominância de mulheres para todos os destinos nos leva a discutir o lugar e o papel delas na dinâmica migratória, já que estudos têm evidenciado que elas viajam sozinhas (Piscitelli, 2011; Hazeu, 2011; Hazeu e Silva, 2011), destacando a variável gênero como importante na discussão. A identificação de um padrão diferenciado por gênero na atração de homens e mulheres (o Japão atrai mais igualmente, enquanto que para países como Holanda, Espanha, Suriname e França o percentual de mulheres ultrapassa os 70%), parece corroborar esta importância.

Nossos estudos anteriores (Hazeu e Silva, 2008; Hazeu, 2011; Hazeu e Silva, 2011) permitem inferir que os movimentos migratórios se organizam a partir da organização socioespacial da cidade, resultando daí que origens diferenciadas, em termos de território – e conseqüentemente de acesso a recursos materiais, educacionais e de informações – podem determinar ou condicionar formas diferenciadas de mobilidade, não apenas no sentido do destino (país estrangeiro), mas fundamentalmente de possibilidades de inserção no exterior.

A migração de Belém em relação a outras capitais brasileiras

A análise da migração internacional de Belém apresenta algumas questões que podem ser aprofundadas a partir de um olhar sobre as migrações internacionais oriundas de outras capitais.

A tendência observada em Belém de que moradores de bairros da classe média

migram relativamente mais do que pessoas nas periferias se confirma também em outras cidades, com diferença semelhante?

A grande diferença observada em Belém entre os destinos ligados pela migração oriunda de bairros de classe média (Estados Unidos e Portugal) e aquela que articula bairros de periferia com outros destinos (França/Guiana Francesa e Suriname/Holanda), cada uma fundamentada em sistemas e redes migratórias distintas, se repete em outras capitais? Ou seja, a organização

e segregação espacial e sua relação com os destinos (sistemas e redes) migratórios observadas em Belém ocorrem também nas outras capitais, e, se ocorrer, quais são suas características?

A predominância da migração feminina na migração internacional nos bairros de periferia é um fenômeno específico de Belém ou se repete nas outras capitais? Se sim, como? O olhar comparativo entre Belém e outras capitais brasileiras revela aspectos importantes para discutir essas questões:

Tabela 7

Emigrantes, homens e mulheres, de 11 capitais brasileiras por ordem de IDH decrescente

Capitais	População	Migrantes	% homens migrantes	% mulheres migrantes	migrantes por mil hab.	migrantes por mil hab. (bairros classe média)	migrantes por mil hab. (bairros de periferia)
Porto Alegre	1.409.351	7.126	47,35	52,65	5,06	12,8	1,48
Rio de Janeiro	6.320.446	20.299	43,3	56,7	3,21	10,37	1,01
São Paulo	11.253.503	36.019	46,67	53,33	3,20	8,23	1,02
Belo Horizonte	2.375.151	13.805	53,23	46,77	5,81	12,93	4,46
Campo Grande	786.797	3.532	46,00	54,00	4,49	7,52	2,8
Belém	1.393.399	4.135	32,41	67,59	2,97	5,51	1,98
Recife	1.537.704	6.279	36,85	63,15	4,08	10,08	1,25
Fortaleza	2.452.185	6.752	30,35	69,65	2,75	9,43	1,27
Manaus	1.802.014	2.546	33,27	66,73	1,41	3,34	1,08
Boa Vista	284.313	972	51,13	48,87	3,42	2,7	4,6
Porto Velho	428.527	917	46,24	53,76	2,14	3,7	1,2

Fonte: Elaborada pelos autores com base em: IBGE, Censo demográfico 2010.

Incidência de migração nos bairros de classe média e nas periferias

Em primeiro lugar, observou-se que, percentualmente, moradores dos bairros de classe média em Belém migram quase três vezes mais que moradores da periferia, fato que se relaciona provavelmente com maiores recursos financeiros disponíveis para custear a migração, maior acesso às redes sociais internacionais vinculadas à dinâmica da própria migração da classe média (intercâmbios de estudo, recrutamento de profissionais com grau elevado de instrução, domínio de línguas etc.), o capital social e cultural e as políticas seletivas de migração dos países de destino reprimindo a migração de classes populares.

Nas periferias, a parte dos moradores que migra não ultrapassa dois migrantes por mil habitantes com exceção de Belo Horizonte (4,46 por mil), Boa Vista (4,6 por mil) e Campo Grande (2,8 por mil). A classe média das cidades migra proporcionalmente entre três vezes mais (Belém, Campo Grande, Porto Velho, Manaus, Belo Horizonte) e até 10 vezes mais (Rio de Janeiro) do que os moradores das periferias.

A mais baixa incidência de migração oriunda de periferias é no Rio de Janeiro, o que parece indicar um isolamento dos bairros de periferia dos territórios dinâmicos de migração da classe média, visitados por milhares de turistas e vivendo trocas e possibilidades internacionais constantes.

A única exceção é a capital Boa Vista, na qual as pessoas das periferias migram relativamente mais do que as pessoas dos bairros de classe média. Boa Vista tem uma história de crescimento recente vinculada à migração garimpeira para o estado e o fechamento de várias áreas de garimpo em seguida. Muitos desses garimpeiros foram morar nas periferias da cidade e se envolvem com

migrações para áreas de garimpo nos países vizinhos (Guiana, Suriname e Venezuela), o que pode explicar essa situação diferenciada.

Observa-se ainda que as capitais da região Norte têm o menor índice de migrantes de bairros de classe média em relação às demais capitais, sugerindo um outro perfil da classe média amazônica, diferente daquelas nas outras regiões, com outra realidade urbana. Considerando que parte da migração de classe média se dá por meio de sistemas de intercâmbio acadêmico, territórios de turismo, intercâmbio com imigrantes e laços históricos, a classe média urbana amazônica se insere precariamente nesses sistemas devido a carência acadêmica, setor turístico pouco desenvolvido, imigração inexpressiva de países de interesse de classe média e laços históricos com poucos países de destino (com exceção do Japão).

Destinos diferenciados da migração oriunda de bairros de classe média e das periferias

Os destinos gerais (países), vinculados a sua origem mais detalhada (cidade, bairros de classe média e periferia), junto com um conhecimento de relações econômicas, políticas e culturais nos e entre os países e cidades, podem levar a ensaios e ideias sobre os sistemas migratórios envolvidos e formados por estes fluxos e migrantes.

A análise dos principais destinos das migrações das 11 capitais (Tabela 8) mostra que só três capitais (Porto Velho, Campo Grande e Boa Vista) não têm os Estados Unidos como principal destino, e nessas capitais este país nem aparece entre os três principais destinos. Em todas as demais capitais, os Estados Unidos são o principal destino das migrações, sendo que nas duas outras capitais da região norte os EUA não chega a mais que 15% dos destinos dos migrantes, enquanto

Tabela 8
Principais destinos das 11 capitais pesquisadas

Capitais	Destinos principais					
	Destinos	%	Destinos	%	Destinos	%
Porto Alegre	Estados Unidos	24	Austrália	10	Reino Unido	10
Rio de Janeiro	Estados Unidos	31	Portugal	8	Reino Unido	6
São Paulo	Estados Unidos	23	Japão	13	Reino Unido	8
Belo Horizonte	Estados Unidos	34	Portugal	17	Reino Unido	7
Campo Grande	Portugal	21	Japão	21	Espanha	13
Recife	Estados Unidos	25	Portugal	11	Espanha	10
Fortaleza	Estados Unidos	18	Itália	18	Portugal	13
Boa Vista	Venezuela	35	Guiana	31	Suriname	9
Porto Velho	Espanha	20	Portugal	16	Bolívia	15
Manaus	Estados Unidos	15	Suíça	11	Espanha	9
Belém	Estados Unidos	12	França	11	Suriname	9

Fonte: Elaborada pelos autores com base em: IBGE, Censo demográfico 2010.

no nordeste, sul e sudeste todas as capitais tem EUA como destino principal variando essa preferência entre 18% (Fortaleza) e 34% (Belo Horizonte).

Um segundo grupo de destinos pode ser identificado englobando Portugal e Espanha. Mesmo ambos tendo fluxos e redes específicas, as relações diplomáticas com o Brasil em relação às migrações dialogam muito, havendo um intenso fluxo de brasileiros entrando em Portugal e seguindo para Espanha. Ademais, a barreira da língua para esses dois países é obviamente menor do que em relação aos países anglo-saxões, por exemplo. Há também extensas comunidades brasileiras presentes, além

de algumas áreas de trabalho com recrutamentos ativos até pouco tempo atrás.

O Japão apresenta uma história de migração importante no Brasil, que se traduz em um sistema migratório pautado em facilitação de migrantes brasileiros descendentes de japoneses, comunidades japonesas no Brasil e de brasileiros no Japão, intercâmbios comerciais e culturais e a inserção facilitada de brasileiros no mercado de trabalho. Com a crise econômica no Japão, já se constatou um refluxo migratório do Japão para o Brasil. Cidades com uma presença histórica de japoneses apresentam os maiores índices de migrantes para o Japão, como São Paulo, Campo Grande

Tabela 9

Principais destinos de migração internacional oriunda de bairros de classe média e de bairros de periferia de onze capitais brasileiras

Capitais	Classe média						Periferia					
	Destinos	%	Destinos	%	Destinos	%	Destinos	%	Destinos	%	Destinos	%
Porto Alegre	Estados Unidos	26	Reino Unido	11	Austrália	11	Estados Unidos	23	Itália	9	Reino Unido	9
Rio de Janeiro	Estados Unidos	35	Reino Unido	8	França	7	Estados Unidos	23	Portugal	11	Espanha	10
São Paulo	Estados Unidos	27	Reino Unido	10	Austrália	7	Japão	20	Estados Unidos	18	Espanha	10
Belo Horizonte	Estados Unidos	31	Reino Unido	9	França	7	Portugal	32	Estados Unidos	28	Espanha	9
Campo Grande	Estados Unidos	23	Japão	17	Portugal	11	Portugal	32	Japão	16	Espanha	15
Recife	Estados Unidos	32	Canadá	8	Portugal	8	Portugal	16	Alemanha	16	Estados Unidos	14
Fortaleza	Estados Unidos	34	Portugal	9	Espanha	8	Itália	26	Portugal	12	Alemanha	8
Boa Vista	Venezuela	30	Guiana	17	Estados Unidos	12	Guiana	36	Venezuela	33	Suriname	12
Porto Velho	Espanha	16	Portugal	14	Bolívia	13	Espanha	25	Bolívia	16	Outros Países A. Latina (Peru?)	11
Manaus	Estados Unidos	22	Japão	8	Portugal	7	Suíça	12	Estados Unidos	11	Espanha	8
Belém	Estados Unidos	22	Portugal	12	França	8	Suriname	18	França	13	G. Francesa	12

Fonte: Elaborada pelos autores com base em: IBGE, Censo demográfico 2010.

e, em menor proporção, cidades na Amazônia, como Belém, Manaus e Boa Vista.

Chama atenção ainda a importância da migração transfronteiriça a partir das capitais da Amazônia, que apresentam destinos como Venezuela, Suriname, Guiana e Bolívia, de um lado vinculada com a atividade garimpeira e de outro com o comércio transfronteiriço.

Um olhar detalhado da origem (bairro de classe média ou de periferia) da migração dentro das capitais é revelador para entender o perfil da migração urbana para os Estados Unidos (ver Tabela 9).

Somente em duas capitais os Estados Unidos são o destino principal das migrações da periferia, Porto Alegre e Rio de Janeiro, justamente as capitais pesquisadas com as

maiores IDH gerais e os mais altos percentuais de migrantes nos bairros de classe média.

O percentual das migrações para os Estados Unidos das periferias das cidades pesquisadas varia de 1% (Boa Vista) até 28% (Belo Horizonte). Por outro lado, em 10 das 12 capitais os EUA são o destino principal da classe média, tendo entre 22% a 34% dos seus migrantes dirigindo-se para lá. As duas capitais que divergem desta tendência e cuja classe média não migra em massa para os Estados Unidos são Porto Velho e Boa Vista, ambas capitais amazônicas, com a menor população total e o mais baixo IDH de todas as capitais analisadas. São duas cidades não consideradas como metrópoles, mas como centros urbanos periféricos, tanto pelo IDH quanto pela sua localização, o que reforça a tese de que os Estados Unidos são destino prioritariamente da classe média metropolitana brasileira das capitais com maiores IDH.

Os Estados Unidos representam possibilidades diferentes para cada classe social. Em primeiro lugar, existe uma política migratória seletiva que exige a obtenção de visto, tanto para visitação quanto para migração. Isso exige que se vá pessoalmente até o consulado dos Estados Unidos em Recife, Belo Horizonte, Brasília, São Paulo ou Rio de Janeiro. Na Amazônia só há consulados em Manaus e Belém, que não atendem a demanda por vistos, mas representam as duas capitais da região com relevante migração para os Estados Unidos.

A classe média das capitais pesquisadas no Sul e no Sudeste migra, além dos Estados Unidos, para outros destinos de língua inglesa, como Reino Unido e Austrália, o que sugere um sistema e redes migratórios que envolvem desde recursos financeiros até certa familiaridade com a língua. São países que investem na busca de brasileiros de classe média por meio de intercâmbios, manutenção de escolas de língua inglesa no Brasil por

parte dos governos desses países, programas de bolsas para estudantes e pesquisadores e divulgação da cultura. Além disso, exercem uma rígida seleção na entrada dos seus territórios, separando quem tem recursos para visitá-los e quem não tem. Nessa lógica, o censo mostra que nas periferias o Reino Unido só aparece em uma cidade (Porto Alegre, com o maior IDH das cidades pesquisadas) como um dos destinos principais, e Austrália nenhuma vez.

Em Belém, os destinos principais da classe média são os Estados Unidos, Portugal e França, enquanto para a periferia o destino principal é Suriname (18%), preferência de somente 2% de migrantes dos bairros de classe média. Isso significa que há destinos, sistemas e redes migratórios diferentes. Uma comparação com as outras capitais analisadas mostra que essa divisão se repete, conforme a Tabela 9, com mais ou menos intensidade. O destino principal das periferias em todas as cidades tem uma preferência pelo menos duas vezes maior do que o mesmo destino para migrantes dos bairros de classe média, com exceção de Porto Velho.

Em São Paulo, o principal destino das periferias é o Japão (20%) enquanto somente 6% da migração de classe média se direcionam para lá. É uma migração conhecida pelo seu vínculo com o trabalho nas fábricas e com a relação histórica com a imigração japonesa.

Em Campo Grande, Recife e Belo Horizonte o principal destino das periferias é Portugal (32%, 16%, 32%, respectivamente), enquanto sua preferência como destino pela classe média é bem inferior (11%, 8%, 5%). Portugal, apesar de ser destino também de classe média, configura-se muito mais como destino de classes populares, considerando tanto a facilidade da língua, as facilidades (relativas) de entrada (visto de turismo na fronteira) e o mercado de trabalho por

meio das redes sociais de migrantes brasileiros. É notória a preocupação do governo português (por meio de controles nas fronteiras, novos acordos com o Brasil e investimento em congressos binacionais sobre essa “problemática”) para inibir a chegada desse fluxo migratório.

Em Fortaleza, a Itália é o principal destino da migração das periferias (26%) enquanto para os bairros de classe média só 5% dos migrantes visam o país. É uma migração claramente vinculada à presença do grande número de turistas italianos e composto majoritariamente por mulheres (4% homens, 22% mulheres) (IBGE, 2010).

De Manaus, curiosamente, o principal destino das periferias é a Suíça (12%), enquanto para os bairros de classe média apenas 6% migram para este país (IBGE, 2010). O que será que vincula esse país do centro da Europa com as periferias de uma cidade no coração da Amazônia?

De Boa Vista, o destino principal das periferias é a Guiana (36%), importante destino também dos bairros de classe média (17%), mas mesmo assim com a metade da preferência. É um destino, como o Suriname para Belém, caracterizado pela atividade garimpeira, que envolve na sua maioria pessoas de classes populares.

Tabela 10
Emigração das capitais por gênero e classe

Capitais	Geral (%)			Classe média (%)		Periferia (%)		
	homens	mulheres	mulheres – homens	homens	mulheres	homens	Mulheres	diferença classe média e periferia na migração de mulheres
Porto Alegre	47	53	5	47	53	46	54	-1
Rio de Janeiro	43	57	13	44	56	42	58	-2
São Paulo	47	53	7	46	54	47	53	1
Belo Horizonte	44	56	-6	42	58	47	53	5
Campo Grande	46	54	8	46	54	45	55	-1
Belém	32	68	35	37	63	30	70	-7
Recife	37	63	26	40	60	28	72	-12
Fortaleza	30	70	39	38	62	22	78	-16
Manaus	33	67	33	29	71	31	69	2
Boa Vista	51	49	-2	35	65	57	43	22
Porto Velho	46	54	8	48	52	44	56	-4
Brasil	46	54	5					

Fonte: Elaborada pelos autores com base em, IBGE Censo demográfico 2010.

Homens e mulheres têm destinos diferenciados

Em todas as cidades, com exceção de Boa Vista, as mulheres migram mais que os homens, o que coincide com a realidade pesquisada em Belém. As maiores diferenças se apresentam nas metrópoles do Nordeste e do Norte, com entre 29 a 39 pontos percentuais a mais de mulheres migrando.

Em Recife e Fortaleza as mulheres da periferia migram relativamente muito mais (12 e 16 pontos percentuais a mais, respectivamente) que as mulheres dos bairros de classe média, seguidas por Belém com 7 pontos percentuais a mais de mulheres migrando das periferias do que dos bairros da classe média. O contrário se percebe em Boa Vista, onde a migração de mulheres dos bairros de classe média é 22 pontos percentuais maior que a das periferias, situação que se repete em um grau menor (5 pontos), em Belo Horizonte.

O destino Suriname ou o sistema migratório garimpeiro nas “Guianas”

O Suriname, principal destino das periferias de Belém, é aparentemente também o mais “exótico”, uma vez que só configura também como destino de relevância em uma única outra capital, Boa Vista.

O Suriname e a Guiana, e parcialmente a Guiana Francesa, que fazem parte de um cinturão de garimpos na fronteira norte da Amazônia brasileira, são países com baixa densidade populacional. A Amazônia brasileira tem figurado como território de garimpage, principalmente a partir da década de 1960. Os estados do Pará, Amapá, Roraima e Rondônia vivenciaram enormes fluxos migratórios de garimpeiros, principalmente oriundos do Maranhão. Em alguns casos, as áreas garimpeiras foram fechadas e os ga-

rimpeiros expulsos (Serra Pelada, território ianomâmi, Oiapoque); outras áreas foram esgotadas ou deixaram de ser lucrativas devido à diferença entre preço de insumos e o preço do ouro.

Parte da comunidade garimpeira migrou para os países vizinhos, onde se abriram inúmeros garimpos e para onde levaram suas redes migratórias que sustentaram os garimpos na Amazônia brasileira. Os garimpeiros na Amazônia são na sua maioria de origem do estado de Maranhão (Corbin, 2007) e circulam entre as diferentes frentes garimpeiras. Para o Suriname e as Guianas há fluxos de garimpeiros de Roraima, Pará e Maranhão, sendo que aqueles oriundos do Pará e Roraima geralmente nasceram no Maranhão (Corbin, 2007). Há porém, uma importante informação em estudos como o de Corbin (2007) e o de Hazeu (1997) que mostra que uma parte significativa das mulheres que migram para os garimpos nasceu no Pará.

No Pará, a maioria de migrantes para o Suriname são mulheres, e um número considerável de migrantes para o país saem de Belém, especificamente das periferias de Belém, mas com diferenças em relação ao gênero. Só 20% dos homens que migram do estado do Pará para o Suriname são de Belém, enquanto para as mulheres o número sobe para 37%. Os garimpeiros provavelmente migram mais de áreas garimpeiras no Pará diretamente para o Suriname.

Do Maranhão, a principal origem de migração para o Suriname, migram muito mais homens que mulheres, confirmando a observação das duas pesquisas citadas, mas há ainda uma grande diferencial: os migrantes não saem da capital São Luis. Dos 1588 migrantes maranhenses para o Suriname, somente 26 saíram de São Luis, menos que 2%, e com maioria de mulheres, contrariando a tendência do estado. De Boa Vista, cidade pautada pela atividade garimpeira no

Tabela 11
Migrantes para o Suriname, por sexo e estados de origem

	Números absolutos			% da população migrante brasileira		
	Total	Homens	Mulheres	Total	Homens	Mulheres
Brasil	3.416	2.014	1.402	0,69	0,41	0,29
Maranhão	1.588	1.150	438	18,23	13,2	5,03
Pará	1.288	537	751	9,44	3,93	5,5
Amapá	130	72	58	5,63	3,12	2,51
Roraima	94	53	41	7,96	4,49	3,47
Piauí	78	67	11	3,79	3,25	0,53
Tocantins	64	38	26	1,53	0,91	0,62
Mato Grosso	36	30	6	0,44	0,36	0,07
Amazonas	30	17	13	0,84	0,47	0,36

Fonte: Elaborada pelos autores com base em: IBGE, Censo demográfico 2010.

Tabela 12
Belém, Boa Vista e São Luís como origens de migração para o Suriname

	Emigrantes internacionais (pessoas)			Emigrantes internacionais (percentual da população migrante da cidade)		
	Total	Homens	Mulheres	Total	Homens	Mulheres
Belém	390	112	278	9,43	2,71	6,72
Boa Vista	83	48	35	8,54	4,94	3,6
São Luís	26	22	15	1,63	0,69	0,94

Fonte: Elaborada pelos autores com base em: IBGE, Censo demográfico 2010.

estado e nos países vizinhos, saíram 83 dos 94 migrantes do estado.

Pode-se supor uma relação entre esse migração acentuada para o Suriname e as políticas de integração e desenvolvimento pensadas historicamente para a região, que envolvem disputa contínua pelo acesso e domínio dos recursos naturais na Amazônia (minérios em especial). Esse processo tem tido consequências extremas (conflitos por terra, desapropriações, deslocamentos forçados, assassinatos, miséria, entre outras) para as populações, aí incluídos os estímulos à migração.

É possível identificar uma conexão específica entre Belém e Suriname, localizando um fluxo forte de mulheres. A migração de mulheres para os garimpos tem evidenciado, em geral, origens diferentes da dos homens, a não ser quando se migra de certas áreas garimpeiras para outras, quando tanto homens como mulheres migram através da mesma rota.

A migração de mulheres para os garimpos faz parte do sistema garimpeiro, que desloca grandes quantidades de homens do interior do Maranhão, cujas mulheres e filhas ficam na terra original. A demanda por mulheres nos garimpos, para as atividades de cozinheira e de prostituta ou companhia é organizada por outras redes, outros recrutadores e outras origens em relação à migração dos homens do Maranhão. São geralmente homens e mulheres que trabalham com bares, restaurantes e boates que acessam suas redes de contatos e recrutadores. Assim, parece que Belém também entrou na rota de migração de mulheres para o Suriname, dentro mas separada do sistema de migração de garimpeiros.

O fato de que a migração de mulheres para o Suriname ocorre a partir das periferias parece relacionar-se com alguns marcadores das suas histórias: a história recente

de migração da maioria das famílias dessas mulheres do interior para a cidade e a migração de mulheres para a Amazônia. Não se trata tanto da migração metropolitana, como apresentada anteriormente, pois esta se vincula à migração entre metrópoles, tanto em termos urbanos como de países. Trata-se de uma migração que se relaciona com as precárias territorializações nas periferias de Belém, as redes de recrutamento presentes nessas periferias e as histórias de sucesso, que aliás se referem tanto à migração para a capital do Suriname, Paramaribo, quanto para os garimpos.

Tem-se assim configuradas as condições sociais para a migração, que envolvem um conjunto de condições estruturais relacionadas à internacionalização, mais o recrutamento direto de trabalhadores imigrantes por empregadores ou redes de imigrantes (Sassen, 2010), sendo uma destas as redes de recrutamento de mulheres para alguns setores específicos desse “mercado”.

De volta ao começo: o lugar e o papel das mulheres na dinâmica migratória

O conjunto de dados disponibilizado até aqui dá conta da existência de uma diversidade de fluxos migratórios e permite identificar similaridades e disparidades entre eles. Uma intenção colocada desde o início neste trabalho diz respeito à tentativa de procurar entender o que esse conjunto de dados pode dizer sobre as especificidades de gênero, classe e localização geográfica de sistemas e redes migratórios no Brasil e na Amazônia, permitindo identificar as singularidades de cada fluxo e as condições específicas que os produzem. Busca-se nessa perspectiva focar especificidades das informações envolvendo movimentos populacionais também específicos (grupos, sujeitos e contextos), entendendo com Sassen (2010) que

cada país é singular, e cada fluxo migratório é produzido por condições específicas de momento e lugar [...]. Porém, se quisermos entender os efeitos possíveis de condições mais amplas, como a globalização econômica e cultural, na formação e reprodução de fluxos migratórios, devemos abstrair, essas particularidades para analisar tendências gerais. A ênfase deve ser na especificidade e complexidade das migrações, distintas de abordagens gerais e simplificadas. Essa ênfase implica juntar as variáveis que contribuem para uma explicação das características de fluxos migratórios específicos, ao invés de generalizar para todos os momentos e lugares ou particularizar cada história de migração (p. 115).

A afirmação de Sassen (2010) soa interessante na medida em que aponta para a necessidade de estabelecer o diálogo entre questões macroeconômicas e políticas e variáveis subjetivas e sociológicas na compreensão da migração e as condições que “facilitam a decisão de migrar e induzem os indivíduos a tomar tal decisão” (Sassen, 2010, p. 137).

Tráfico de mulheres e migração feminina

O debate sobre migração de mulheres de classes populares é muitas vezes vinculado à discussão sobre tráfico de mulheres (Piscitelli, 2008a) principalmente quando se trata da região amazônica (Hazeu, 2011). Essa vinculação parece uma simplificação da realidade que dificulta a compreensão da complexidade dos processos que envolvem a migração dessas mulheres e a realidade amazônica, por desconsiderar suas especificidades e particularidades. É conhecido que as redes de tráfico de mulheres operam como, e dentro de, outras redes migratórias, mas a migração não se resume a isso. No caso das migrações de mulheres das periferias de Belém, as redes de tráfico de pessoas foram importantes para as migrantes pioneiras (as primeiras mulheres da família que migraram), uma vez que nem recursos para financiar a migração nem uma rede familiar no destino (para conseguir moradia ou trabalho) estavam garantidos.

Nossas pesquisas demonstram que, das 27 famílias pesquisadas, somente uma teve alguma conexão direta com o exterior que serviu de referência na articulação da emigração de sua filha. As mulheres pioneiras encaram praticamente sozinhas, como primeiro membro de suas famílias, o desafio de sair do Brasil por meio de redes que organizaram e estruturaram os processos migratórios e nas quais se inseriram através de laços e contatos fracos. O tráfico de mulheres aparece, em alguma forma e com graus diferentes, nas várias situações das mulheres migrantes pioneiras, principalmente ligado às condições de trabalho na prostituição, mas também em uma situação de trabalho doméstico.

Em Hazeu e Silva (2011) encontra-se a informação de que a maioria das mulheres foi informada sobre o destino e ajudada para a viagem por uma amiga, vizinha, colega, mãe ou irmã. As mulheres, em geral, contaram antes de viajar para poucas pessoas sobre seu plano de viagem. A maioria contou apenas para a mãe (mas duas nem contaram ou só o fizeram na última hora, saindo fugidas ou informando sobre outro destino). A proposta do trabalho no exterior se mostrou depois enganosa para algumas delas, que acabaram tendo que trabalhar na prostituição em um clube. Aquelas que foram convidadas para o trabalho que realmente foram exercer não tinham noção do que significava trabalhar naquela profissão (prostituição) ou esperavam uma relação de trabalho que as garantisse liberdade de locomoção e bom pagamento, mas encontraram uma realidade exploradora que não tinham imaginado.

A pesquisa trinacional sobre tráfico de mulheres para o Suriname (Hazeu e Silva, 2008) demonstra que se fala de diferentes sujeitos e diferentes formas de violência a que foram submetidos. Há várias garotas que nunca fizeram programa no Brasil, sendo convidadas para outras atividades (trabalho em restauran-

te ou como babás) e forçadas à prostituição pela rede do tráfico. Outras já faziam programa e foram enganadas quanto às condições de trabalho a que seriam submetidas.

A origem socioespacial (periferias da cidade) apresenta-se como elemento comum nas diversas situações estudadas. Mesmo reconhecendo que as periferias não são espaços homogêneos, elas se diferenciam de outras áreas da cidade, com predominância de moradores de classes D e E, precárias condições infraestruturais e estigmatização da sua população.

A origem não remete somente ao recorte espacial, mas à formação histórica desse espaço e às relações sociais existentes. Belém é uma metrópole na Amazônia, o que a diferencia muito de outros lugares e até de outras metrópoles, e precisa, portanto, ser abordada nas suas singularidades, mesmo considerando que na dinâmica migratória internacional as mulheres de qualquer lugar do Brasil serão genericamente enquadradas como brasileiras.

Relevando a importância destas categorias, podemos perguntar como a origem e a classe social são consideradas como categorias de análise importantes nas pesquisas sobre migração feminina, lembrando o alerta de Paula Togni (2011) e Assis (2003) em relação a sua investigação sobre mulheres brasileiras em Portugal, de que a não consideração dessas variáveis pode acabar por

obscurer o fato da não existência de um sistema de gênero homogêneo, nem no Brasil nem em Portugal, como também a não articulação do gênero com outras categorias de diferenciação como geração, classe, cor da pele/raça e origem regional (Togni, 2011, p. 390).

Com a preocupação de dar visibilidade à participação das mulheres nos fluxos migratórios, muitas vezes a mulher retratada parecia ser uma mulher universal, branca e

pertencente à classe média. Assim, se os estudos étnicos ignoravam as diferenças entre homens e mulheres, os estudos de gênero ignoravam as diferenças de classe e etnia entre as mulheres (Assis, 2003).

Como as diferenças de origem e classe social influenciam na experiência migratória e na produção das identidades das mulheres e famílias nas comunidades envolvidas?

Outro risco de estudos que focam destinos específicos é a escolha desses destinos como objeto de estudo e a importância que isso implica para as análises e compreensões sobre a complexidade da migração internacional de mulheres envolvendo o Brasil. A migração de mulheres para a Europa é vinculada às ideias e estigmas em relação à prostituição e tráfico de mulheres, algo que não se repete para os outros destinos, como Estados Unidos ou Japão (Togni, 2011; Piscitelli, 2008b). Isso indicaria algum traço histórico, cultural e colonial em relação à imagem e mercado de trabalho envolvendo mulheres brasileiras? Essa pergunta encontra uma reflexão ainda mais complexa quando se expande o olhar para outros destinos, como outros países sul-americanos e a África.

As redes migratórias atuais que envolvem a Amazônia brasileira e a Europa parecem estar baseadas em, além de antigos laços da imigração e colonização, novas relações entre os diversos lugares, a partir da relação econômica no mundo globalizado, por meio do turismo internacional, do espalhamento global e hegemônico da cultura ocidental e da nova organização do mercado mundial de trabalho (Sassen, 2010).

Entre a periferia de Belém e o mundo

Analisar migração internacional de periferias de Belém apresenta mais dois desafios para o estudo e pesquisa, invisibilidades acadêmicas que precisam ser consideradas. A

primeira é a invisibilidade urbana (Becker, 1992; Steinbrenner, 2009) na Amazônia, sob a qual por muito tempo predominaram os olhares e pesquisas sobre a região. Aos poucos as cidades estão ocupando espaço também na pesquisa como destino de migrações internas (e internacionais de Colômbia, Haiti, Bolívia e Guiana), mas ainda pouco como territórios de migração internacional de brasileiros. A segunda invisibilidade são as mulheres amazônicas de classes pobres urbanas e seu envolvimento nas redes migratórias.

A migração de mulheres oriundas das periferias de Belém apresenta particularidades devido a suas especificidades de origem e das redes migratórias tecidas a partir da cidade. Tais particularidades se expressam na produção das identidades coletivas das mulheres migrantes e de suas famílias e nas relações transnacionais que se formam: origem interiorana, realidade periférica urbana, busca de identidade (adolescentes e jovens), imaginário dos destinos (Suriname e Europa), prostituição, casamentos transnacionais, o retorno (com e sem “sucesso”), inserção social precária no retorno.

A população nas periferias de Belém se formou nas décadas de 1970 e 1980 a partir de trajetórias de migração oriundas do interior amazônico, principalmente do Pará (Hazeu, 2011; Trindade Jr., 1997). Trata-se de uma população pobre que ocupou áreas, inicialmente próximas ao centro da cidade e ao longo das últimas décadas espalhou-se, construindo habitações simples como tinham no interior (de madeira, sem divisões, com cobertura de telhas de cimento-amianto) e aos poucos as adaptando ou substituindo por casas de alvenaria (em permanente construção). Geralmente chegaram extensas famílias, em cadeia, formando comunidades densamente habitadas, sem infraestrutura básica, cuja implantação se torna foco de múltiplas lutas sociais.

A chegada das famílias é uma fase paralela à migração que a abertura da Amazônia provoca por meio de várias estradas e da implementação de grandes projetos. Fatores que levaram a permanentes conflitos pela terra e seu uso e poucas possibilidades de permanência com qualidade para os migrantes. Alguns continuaram migrando atrás de novas frentes de expansão, outros procuraram sobreviver nas margens das estradas e grandes projetos e muitos procuraram os centros urbanos, onde os serviços públicos, a vida “moderna”, o mercado informal e as redes sociais garantiram uma nova e precária forma de sobrevivência.

Nascer, crescer e ser mulher jovem nessas periferias significa se posicionar e se relacionar com a posição social e imagem construída em torno dessa realidade: originária do interior, vivendo a periferia urbana amazônica, poucas referências de projetos de vida na família no contexto urbano, o mercado informal e pouco acesso à vida urbana da classe média. No bairro se encontram escolas públicas de baixa qualidade; poucas perspectivas de emprego, estigma de ser da periferia; cultura de festas de aparelhagem e vida sexual ativa na adolescência, na qual a imagem de mulher sensual ou sexual é valorizada e negociada nos espaços de rua, escola, trabalho, festas e relacionamentos; e, mais recentemente, a convivência muito próxima com as drogas ou com o tráfico de drogas.

Viver na periferia urbana também significa ter contato com outros mundos, presentes através dos *shopping centers*, centros culturais, viajantes, meios de comunicação, redes sociais e migrantes. Ser três vezes periferia (mundial, nacional e local) não significa, no mundo globalizado, isolamento, mas sim tríplexes (ou mais) barreiras para transitar no espaço global. Barreiras culturais (não falar outras línguas, baixo nível de educação, ser considerado e rotulado como parte da pe-

riferia), sociais (redes familiares e sociais de certa classe social, sem transição com redes sociais de outras classes, acesso a limitados nichos de mercado) e econômicas (sem recursos para comprar acesso e ingresso), além de limites no acesso aos direitos básicos.

A migração internacional não se apresenta na periferia como uma presença ou oportunidade explícita, uma cultura visível, mas está presente nas realidades de muitas famílias, silenciada ou comentada somente dentro delas. Não se manifesta como uma cultura migratória compartilhada como em Governador Valadares (MG) ou Criciúma (SC). Não são famílias que migram, mas indivíduos das famílias; não viajam em grandes grupos, mas sozinhas ou com algumas colegas e são principalmente mulheres jovens (Hazeu, 2011; IBGE, 2012a). Essa realidade se aproxima das observações sobre mudanças na migração internacional oriunda da América Latina:

[...] condições agravadas e muito mais precárias de inserção dos imigrantes brasileiros no mercado de trabalho português no período recente, revelando as mudanças significativas em seu perfil: mais pobres, com menor escolaridade, menor nível profissional e, portanto, menos oportunidades para alcançar seu sonho de ascensão social por meio de sua incorporação ao mercado de trabalho de um país europeu (Bogus apud Pellegrino, 2004, p. 36, tradução dos autores).

[...] O que realmente mudou nas últimas décadas é o fato de que mais mulheres estão migrando de forma independente em busca de emprego, em vez de viajar como "dependentes da família" com seus maridos ou se juntar a eles no exterior (Instraw, 2007, p. 2, tradução dos autores).

O perfil traçado das mulheres quando elas migraram, construído a partir das três pesquisas que realizamos, é o seguinte: foram 43 mulheres migrantes; 32 tinham um ou mais filhos; tinham entre 16 e 29 anos quando migraram; com escolaridade entre o ensino fundamental incompleto e o

ensino médio incompleto, somente uma cursou nível superior (Turismo); a maioria morava com pais ou parentes; quase todas migraram solteiras, algumas amigadas com um homem europeu; tinham experiência no mercado de trabalho informal ou formal em funções de baixa qualificação, que pagavam até um salário mínimo. As principais ocupações eram doméstica, babá, caixa de supermercado, trabalhadora em fábrica de peixe, vendedora etc. Somente duas mulheres, antes de migrar, trabalharam na prostituição, e uma como *stripper*.

A condição de mulher solteira, em muitos casos mãe, remete a uma trajetória na qual muitas das mulheres engravidaram ainda na adolescência ou logo depois (aos 18 anos) e experimentaram a responsabilidade da maternidade junto com um parceiro ou sem parceiro, em um contexto de vida precária e com algum ou nenhum apoio da própria família.

As histórias são recheadas de relatos de conflitos com os parceiros, de busca de alternativas (trabalho, lazer, outra relação) para poder sair somente dos cuidados dos filhos e das cobranças da família. Talvez ainda dentro da cultura familiar interiorana (família extensa), o cuidado com os filhos podia ser dividido com outros membros da família (geralmente mulheres: mãe, avó, tia, irmã) ou, em uma atitude mais "politizada" (ou algumas vezes desesperada) o pai biológico dos filhos foi responsabilizado para os cuidados (quando isso aconteceu, ele, via de regra, transferiu a responsabilidade para outras mulheres na sua família, suas mães ou novas parceiras).

As redes ou experiências migratórias presentes na família ou comunidade têm papel relevante em apresentar a migração como possibilidade, deixando-a sempre presente de forma latente por meio de contatos com outras mulheres que migraram e voltaram (definitivamente ou de passagem), ou com as

famílias das que estão fora. Pode-se dizer que essa “vivência transnacional”, concreta ou imaginada, passa a se constituir como expectativa de futuro (ou presente) para as jovens, diante das poucas perspectivas que a periferia lhes apresenta. Um estudo sobre a realidade dos jovens na periferia de Belém demonstra que eles enfrentam grandes dificuldades de inserção em termos de trabalho, educação, saúde e acesso a cultura e lazer, sendo que essas dificuldades são maiores para as mulheres que tiveram filhos ainda na adolescência e abandonaram a escola mais cedo que os rapazes e as outras meninas (Silva, 2011).

Diante dessa realidade, viver o dia a dia, conquistando e se afirmando no seu território (periferia) parece uma exigência para os jovens, a que eles respondem de forma imediata e diversa.

Conclusões: migração como estratégia e modo de vida nas periferias urbanas na Amazônia

Ser jovem na periferia de Belém (e da Amazônia), para além das questões de exclusão econômica, configura processos de identidade distintos, de confinamento em uma realidade periférica de exclusão de direitos básicos, mas também de não possibilidade de acesso a experiências diversificadas e negociação de novos processos identitários, pautados, por exemplo, em maior *status* e poder na família e comunidade; de valorização cultural e autonomia, já que a negação de direitos condiciona as possibilidades ou impossibilidades de buscar esse acesso; e de trabalhar condições de melhoria da vida em geral, de realização de sonhos ou expectativas.

Sabe-se que quando se fala de vulnerabilidades na juventude, se está, na verdade, referindo a sentidos diversos, mas complementares, que incluem a ausência ou escassez de recursos ou renda e que resultam em

inserção precária ou não inserção tanto no mercado de trabalho quanto em outras esferas da dinâmica social. Essa negação se completa quando impede ou nega a construção de capacidades individuais ou coletivas de se movimentar e operar no meio social. Significa, portanto, dizer que no caso da juventude, e dessa juventude em especial, as vulnerabilidades tomam lugar não apenas em função de carências de recursos ou capacidades, mas também se integram e se inter-relacionam com os contextos simbólico, social, geográfico e econômico que caracterizam a vida da população em bairros periféricos.

Outros estudos citados que tratam da migração feminina no Brasil apresentaram importantes debates e categorias para pensar a migração de mulheres das periferias de Belém. Porém, pelas especificidades de cada lugar de origem, suas realidades e conclusões não parecem representativas para essa realidade migratória.

Na comparação dos estudos citados, a migração ocupou um lugar de destaque na história de vida das mulheres, uma vez que afirmou seu protagonismo na produção de sua identidade. Essas mulheres, consciente ou inconscientemente, tomaram a decisão de romper com o contexto no qual se produzia sua identidade até então e partiram para outro lugar onde se tornaram, explicitamente, “a outra” e onde a nova realidade e as novas relações sociais entraram em choque com as experiências e contextos anteriores, o que se configurou como uma nova fase de produção de identidade.

Esta “busca”, porém, não pode ser interpretada simplesmente como uma opção livre, em um momento de “crise de identidade”, pois tanto a própria crise quanto a saída encontrada se inseriram em realidades de desigualdades de classe, gênero e raça, em contextos internacionais que influenciaram no próprio fenômeno migratório e nas relações

de poder que permearam todas as relações envolvidas na trajetória das mulheres migrantes.

Em termos de destino, as relações político-econômicas e socioculturais que articulam Belém a outros cantos no mundo definiram estruturas migratórias nas quais os fluxos migratórios se determinaram a partir de três categorias: classe, gênero e geração. Como as relações de classe, gênero e geração influenciaram na migração transnacional de mulheres das periferias de Belém? Quais são as relações de poder nas quais as mulheres estão situadas dentro deste contexto específico?

Todo aquele que migra sabe de onde parte, mas não sabe onde chega; sabe o caminho que deixa mas não sabe qual encontra. Lança-se em uma travessia sem fim, acreditando-se sempre o mesmo, mas poucas vezes dando-se conta de que se preserva e se transforma, reafirma e transfigura, afina e desafina. Lá longe, em outro lugar, país ou continente, continua a rememorar a partida e o caminho percorrido, recriando situações, pessoas, vivências, imagens, diálogos, sentimentos, memórias, fragmentos, esquecimentos. É assim, com recordações e esquecimentos, que o migrante nutre a nova situação, seja ela de êxito, seja de frustração (Ianni, 2004, p. 1).

Obviamente, a produção da identidade das mulheres se inicia antes de seu projeto migratório, na periferia de Belém, com características de pobre, mãe solteira, “de periferia”, ex-esposa, trabalhadora temporária em serviços precários, filha e irmã de família numerosa, oriunda do interior do estado do Pará.

São mulheres, e mulheres pobres. Sobre elas recaíram expectativas e normas referentes ao papel de mulher que elas deveriam assumir, tanto a partir da cultura interiorana trazida com a família quanto a partir das normas machistas que ainda dominam a vida na periferia. São papéis que se referem a cuidados com filhos e assumir o lugar de uma dona de lar, esposa e trabalhadora no âmbito doméstico.

São esses papéis que as mulheres referem como sua responsabilidade quando justificam sua opção pela migração, em uma tentativa ambígua de assumir identidades impostas e de quebrar com elas ao mesmo tempo.

Migrar significou, de fato, a possibilidade de colocar em cheque identidades produzidas em um certo contexto, neste caso periferias de Belém, por meio de confronto com novos contextos e sujeitos. A insatisfação com a identidade de uma mulher segregada em uma periferia de Belém poderia ser alterada, por exemplo, em novas realidades sociais que pediriam novos posicionamentos, possibilitando novas leituras de ser mulher e ser brasileira.

Ser brasileira no exterior parece ter um significado diferente do que ser brasileira em uma periferia de Belém, inclusive para a família ou comunidade que fica, denotando às vezes maiores possibilidades de negociação e mobilidade social e espacial. Ao mesmo tempo, e paradoxalmente, migrar significou carregar um novo olhar e preconceito que recaí sobre as mulheres de classes populares quando saem dos papéis femininos tradicionais, de mães e esposas, de donas de casa e dependentes financeiramente de seus maridos. Aqui se inclui a necessidade de conviver e negociar com os estigmas da prostituição que em geral têm sido colados às mulheres que migram para o exterior.

Na periferia, elas pareciam ser condenadas a viverem e serem mulheres com acesso precário a emprego, trabalho e moradia, empenharem-se no papel de mãe, parte de uma família que na periferia encontrou sua estação final, no meio da violência urbana, com estratégias precárias de sobrevivência e a pressão social de serem boas mães, filhas e irmãs.

Sair para outro espaço e inserir-se em outras redes sociais se mostrou uma estratégia que, na periferia, apresentou-se a partir de contatos com outras pessoas que já viajaram e por meio das redes virtuais de relacionamen-

tos. Essa mudança significou não “ser uma mulher da periferia”, mas se tornar “uma mulher do mundo” e procurar transformar com essa nova identidade a história de sua família. Essas expectativas parecem compor o pano de fundo da experiência migratória, independentemente das possibilidades de concretização que possam encontrar no destino.

Todas as mulheres que migraram das periferias de Belém para o exterior, encontradas nas três pesquisas realizadas, tiveram nas suas histórias familiares movimentos migratórios que as trouxeram de cidades e comunidades interioranas da Amazônia para as periferias de Belém. Tais experiências envolveram a migração de vários membros da família ao mesmo tempo ou em cadeia, mantendo vínculos no interior, mas com a necessidade de sobreviver e se inserir na dinâmica urbana. Os movimentos migratórios, até chegarem à cidade, envolveram experiências de mulheres e homens sozinhos que buscaram e viajaram atrás de obras de construção, garimpos, prostituição, extrativismo etc. e se mantiveram na Amazônia, apresentada como fronteira, uma terra do futuro e de possibilidades, e nela constituíram famílias.

A migração pode envolver vários ou todos os momentos das famílias, lançando mão, inclusive, de familiares que migrem para novas frentes de trabalho e expansão na Amazônia. Esse movimento às vezes é contínuo e não termina com a chegada na periferia de Belém. As frentes de trabalho e possibilidades, porém, mudam o tempo todo, sendo que das periferias de Belém migraram nas últimas décadas principalmente mulheres, solteiras, muitas mães solteiras.

A afirmação (suposição) aqui é de que diversos fatores importantes se inter-relacionam para explicar a migração internacional de mulheres da periferia da Amazônia. Para além dos fatores de flutuação do mercado de trabalho ou disparidade de renda, estão as redes sociais e a presença de uma experiência familiar e histórica de migração e os processos simbólicos de negociação e construção de identidades dos sujeitos amazônidas, particularmente as mulheres. Esses processos são mesclados pelas questões de gênero, raça e classe social. Nesse contexto, o tipo e as condições de inserção no mercado de trabalho no destino têm papel importante.

Bibliografia

- ALMEIDA, M.; ROCHA, R.; SILVA, P. (2009), “A segregação como conteúdo da nova morfologia urbana de Boa Vista”. *Acta Geográfica*, 3, (6): 47-53.
- ASSIS, Gláucia de Oliveira. (2011), “Entre dois lugares: as experiências afetivas de mulheres imigrantes brasileiras nos Estados Unidos”, in Adriana Piscitelli; Gláucia de Oliveira Assis, José Miguel Nieto Olivares (orgs.), *Gênero, sexo, amor e dinheiro: Mobilidades transnacionais envolvendo o Brasil*. Campinas, Pagu-Unicamp.
- _____. (2007), “Mulheres migrantes no passado e no presente: gênero, redes sociais e migração internacional”. *Estudos Feministas*, 15, (3): 745-772.
- _____. (2003), “De Criciúma para o mundo: gênero, família e migração”. *Campos*, 3: 33-49.
- BECKER, B. K. (1992), “Desfazendo mitos: Amazônia uma selva urbanizada”, in Luis E. Aragón. *Desenvolvimento sustentável nos trópicos úmidos*. Belém, UNAMAZ/UFPA.
- BRAGA, F. (2011), *Conexões territoriais e redes migratórias: Uma análise dos novos padrões da migração interna e internacional no Brasil*. Tese de doutorado, Belo Horizonte, Universidade Federal de Minas Gerais, UFMG.

- BRAGA, Fernando; FAZITO, Dimitri. (2010), “Análise de redes sociais e as conexões territoriais da migração no Brasil: padrões estruturais da migração interna entre 1980 e 2000”, trabalho apresentado no XVII Encontro Nacional de Estudos Populacionais, Anais..., Caxambu, Abep.
- BUTLER, J. (2008), Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira.
- CÂMARA MUNICIPAL DO RIO DE JANEIRO. Plano diretor do Rio de Janeiro: Anexo 3. Disponível em: <http://www.camara.rj.gov.br/planodiretor/pd2009/saudepd/Anexo3_IDH.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2013
- CANCLINI, N. G. (2009), Diferentes, desiguais e desconectados. Rio de Janeiro, Editora UFRJ.
- CASTLES, S. (2010), “Entendendo a migração global: Uma perspectiva desde a transformação social”. REMHU: Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana, 18, (35): 11-43.
- COHEN, R. Migration and its Enemies: Global Capital, Migrant Labor and the Nation-State. Aldershot (Reino Unido), Ashgate.
- CORBIN, H. P. (2007), Brazilian Migration to Guyana as a Livelihood Strategy: A Case Study Approach. Dissertação de mestrado, Belém, Universidade Federal do Pará, UFPA.
- DAGNINO, R; GUADAGNIN, F, SNEL, G. (2006), “Índice de desenvolvimento humano dos bairros de Porto Alegre/RS”, trabalho apresentado no V Simpósio de Qualidade Ambiental, Anais..., Porto Alegre, ABES.
- DAVIDA, Grupo. (2005), “Prostitutas, ‘traficadas’ e pãnicos morais: Uma análise da produção de fatos em pesquisas sobre o ‘tráfico de seres humanos’”. Cadernos Pagu, 25: p.153-184.
- FAIST, Thomas. (1999), Transnationalization in International Migration: Implications for the Study of Citizenship and Culture. Oxford, ESRC Transnational Communities Programme. (Working Paper WPTC, 99-08.) Disponível em: <www.transcomm.ox.ac.uk>. Acesso em: 04 abr. 2013.
- FAZITO, Dimitri. (2009), “The role of social networks in human migration”. REMHU: Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana, 17, (32): 5-23.
- _____. (2010), “Análise de redes sociais e migração: Dois aspectos fundamentais do ‘retorno’”. Revista Brasileira de Ciências Sociais, 25, (72): 89-100.
- FORLINE, L. (2000), “As várias faces da Amazônia: Migrações, deslocamentos e mobilidade social na região Norte”. Amazônia: Interesses e Conflitos. Disponível em <<http://www.comciencia.br/reportagens/amazonia/amaz8.htm>>. Acesso em: 30 nov. 2009.
- FOUCAULT, Michel. (2011), Microfísica do poder. 29 ed. São Paulo, Graal.
- HAESBAERT, R.; SANTA BÁRBARA, R. J. (2001), “Identidade e migração em áreas transfronteiriças”. GEOgraphia, 3, (5).
- HAESBAERT, Rogério. (2010), O mito da desterritorialização: Do “fim dos territórios” à Multiterritorialidade. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil.
- HALL, Stuart. (2009), Da diáspora: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte, Editora da UFMG.
- HAZEU, Marcel. (1997), Prostituição e adolescência: Prostituição juvenil no interior do Pará, Trombetas e os garimpos do vale do Tapajós. Belém, Cejup.
- _____. (2011), Migração internacional de mulheres na periferia de Belém: identidades, famílias transnacionais e redes migratórias em uma cidade na Amazônia. Dissertação de mestrado, Belém, Universidade Federal do Pará, UFPA.

- HAZEU, Marcel; SILVA, Lucia Isabel (Orgs.). (2008), Pesquisa tri-nacional sobre tráfico de mulheres do Brasil e da República Dominicana para o Suriname. Belém, Sodireitos.
- _____. (Coords.) (2011). Mulheres em movimento: Migração, trabalho e gênero em Belém do Pará. Belém, Sodireitos.
- _____. (2013), “Mulheres em movimento na Pan-Amazônia”, in L. E. Aragón (Org.), Migração interna na Pan-Amazônia, Belém, Naea-UFPA.
- IANNI, Octavio. Uma longa viagem. Tempo Social, São Paulo, v. 16, n. 1, p. 153-166, 2004.
- IBGE. Aglomerados subnormais. (2011), Disponível em <<http://www.censo2010.ibge.gov.br/agsn/>>. Acesso em: 10 abr. 2013
- _____. Censo demográfico e contagem da população: Demográfico 2010. (2012), Disponível em: <http://www.sidra.ibge.gov.br/cd/cd2010universo.asp?o=7&i=P>. Acesso em: 10 ago. 2012.
- _____. (2011), Censo Demográfico 2010: Características da população e dos domicílios. Resultados do universo.
- _____. (2012a), Censo Demográfico 2010: Fecundidade, nupcialidade e migração. Resultado da amostra.
- _____. (2012b), Síntese dos indicadores sócias: uma análise das condições de vida da população brasileira 2012. Rio de Janeiro.
- INSTRAW. (2007), Feminization of migration. Santo Domingo, United Nations Instraw.
- IPEAD. (2005), Classificação dos bairros de Belo Horizonte. Belo Horizonte, UFMG. Disponível em: <http://www.ipead.face.ufmg.br/site/siteipead/downloads/Classes_Bairros_BH_com_mapa.pdf>. Acesso em: 24 abr 2013.
- LEAL, M.; LEAL, F. (2002), Pesquisa sobre tráfico de mulheres, crianças e adolescentes para fins de exploração sexual no Brasil. Brasília, Cecria.
- LEPOP. (s/d), Cidadania: Índice de desenvolvimento humano (IDH) por bairro - 2000. Fortaleza, Lepop-Uece. Disponível em: <<https://docs.google.com/document/pub?id=1QstmI27gq29JUAXKWT-8guLEZQAnsqt2f91R4a8yU>>. Acesso em: 24 abr. 2013.
- MACHADO, A. F. (2004), “Economia social – mercado de trabalho, pobreza e desigualdade e criminalidade”, in Projeto Belo Horizonte no Século XXI: Relatório final. Belo Horizonte, UFMG. Disponível em: <http://web.face.ufmg.br/cedeplar/site/index.php?option=com_content&view=article&id=347&catid=189&Itemid=369>. Acesso em: 24 abr. 2013.
- MAHLER, Sarah J.; PESSAR, Patricia. (2001), “Gendered Geographies of Power: Analyzing Gender Across Transnacional Spaces”. *Identities*, 7, (4): 441-459.
- MASSEY, D et al. (1993), “Theories of international migration a review and appraisal”. *Population and Development Review*, 19, (3): 431-466.
- MEC/INEP. (2011), Indicadores educacionais. Brasília, Inep-Ministério da Educação. Disponível em: <<http://portal.inep.gov.br/indicadores-educacionais>>. Acesso em: 20 out. 2013.
- OLIVEIRA, Márcio. (2011), “Estado, políticas e imigração e ciências sociais”, trabalho apresentado no 35o Encontro Anual da Anpocs, Anais..., Caxambu, ANPOCS.
- PATARRA, N.L. (2005), “Migrações internacionais de e para o Brasil contemporâneo: Volumes, fluxos, significados e políticas”. *São Paulo em Perspectiva*, 19, (3): 23-33.
- PEIXOTO, J. (2004), As teorias explicativas das migrações: Teorias micro e macro-sociológicas. *SOCIUS Working Papers*, 11. Lisboa, Universidade Técnica de Lisboa.

- PELLEGRINO, A. (2004), *Migration from Latin America to Europe: trends and policy challenges*. IOM Migration Research Series, 16.
- PISCITELLI, Adriana. (2008a), “Entre as ‘máfias’ e a ‘ajuda’: a construção de conhecimento sobre tráfico de pessoas”. *Cadernos Pagu*, 31: 29-63.
- _____. (2008b), “Interseccionalidades, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras”. *Sociedade e Cultura*, 11, (2): 263-274.
- _____. (2011), “Amor, apego e interesse: trocas sexuais, econômicas e afetivas em cenários transnacionais”, in, Adriana Piscitelli; Gláucia de Oliveira Assis; José Miguel Nieto Olivar (orgs.), *Gênero, sexo, amor e dinheiro: mobilidades transnacionais envolvendo o Brasil*. Campinas, Pagu-Unicamp.
- PISCITELLI, Adriana; ASSIS, Gláucia de Oliveira; OLIVAR, José Miguel Nieto (orgs.). (2011), *Gênero, sexo, amor e dinheiro: mobilidades transnacionais envolvendo o Brasil*. Campinas, Pagu-Unicamp.
- PNUD (s/d). *Atlas Brasil 2013: Rankings e recortes principais para avaliação do IDHM*. Disponível em: <<http://www.pnud.org.br/Noticia.aspx?id=3749>>. Acesso em: 30 set. 2013
- PREFEITURA DE BELÉM. (2012), *Anuário Estatístico de Belém 2012*. Belém.
- PREFEITURA DE RECIFE. (2005), *Atlas do desenvolvimento humano no Recife 2005: IDH-M dentro do Recife vai da África à Noruega*. Recife. Disponível em: <<http://www.recife.pe.gov.br/pr/secplanejamento/pnud2006/>>. Acesso em: 10 mar. 2013
- RAFFESTIN, Claude. (1993), *Por uma geografia do poder*. São Paulo, Ática.
- SQUET, Marcos Aurelio; MONDARDO, Marcos Leandro. (2008), “A construção de territórios na migração por meio de redes de relações sociais”. *Revista NERA*, 11, (13): 118-127.
- SASAKI, Elisa Massae; ASSIS, Gláucia de Oliveira. (2000), “Teorias das migrações internacionais”, trabalho apresentado no XII Encontro Nacional da Abep 2000, Anais..., Caixambu, Abep.
- SASSEN, Saskia. (2010), “A criação das migrações internacionais”, in Saskia Sassen, *Sociologia da globalização*, Porto Alegre, Artmed.
- SAYAD, A. (2000), “O retorno: elemento constitutivo da condição do imigrante”. *Travessia: Revista do migrante*, 13 (número especial).
- SCOTT, J. (1990), “Gênero: uma categoria útil de análise histórica”. *Educação e Realidade*, 20, (2): 5-22.
- SECRETARIA ESTADUAL DE ASSISTÊNCIA SOCIAL DO AMAZONAS. (2013), *Listagem periferias de Manaus*. Manaus. Texto não publicado.
- SILVA, Lucia Isabel. (2011), *Juventude e resistência: Significados e alternativas de participação de jovens em processos organizativos*. Relatório final de pesquisa. Belém, UFPA. Não publicado.
- SISGRAN. (s/d), *Índice de Qualidade de Vida Urbana de Campo Grande*. Campo Grande. Disponível em: <<http://apl01.pmcg.ms.gov.br/indweb/indicadores.jsp?seqind=616>>. Acesso em: 24 abr. 2013
- SOARES, Weber. (2004), “Análise de redes sociais e os fundamentos teóricos da migração internacional”. *Revista Brasileira de Estudos Populacionais*, 21, (1): 101-116.
- STEINBRENNER, Rosana Albino. (2009), “Centralidade ambiental x invisibilidade urbana (ou os novos ‘fantasmas’ da Amazônia)”, in Luis E. Aragón; José Aldemir de Oliveira (orgs.), *Amazônia no cenário sul-americano*, Manaus, Edua.

- TOGNI, Paula Cristofeletti. (2011), “Que ‘brasileiras/os’ Portugal produz? Representações sobre gênero, amor e sexo”, in Adriana Piscitelli; Gláucia de Oliveira Assis; José Miguel Nieto Olivar (orgs.), Gênero, sexo, amor e dinheiro: mobilidades transnacionais envolvendo o Brasil. Campinas, Pagu-Unicamp.
- TRINDADE JR, Saint-Clair Cordeiro da. (1997), Produção do espaço e uso do solo urbano em Belém. Belém, Naea-UFPA.
- WASELFISZ, Julio Jacobo. (2012), Mapa da Violência 2012: Crianças e adolescentes do Brasil. Rio de Janeiro, Flacso Brasil.
- WIKIPÉDIA. “Lista dos distritos de São Paulo por índice de desenvolvimento humano”. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Anexo:Lista_dos_distritos_de_S%C3%A3o_Paulo_por_%C3%8Dndice_de_Desenvolvimento_Humano>. Acesso em: 19 abr. 2013.

Resumo

Migração internacional de mulheres das periferias de Belém e suas relações com outras cidades: identidades de gênero e classe na origem no Censo 2010

A migração internacional de mulheres da periferia de Belém é discutida tomando como base dados de pesquisas sobre e com essas mulheres, em comparação com os dados de censo de 2010. Para compreender as especificidades dos fluxos, toma-se como referência a migração por bairros (classe média e periferia), com olhar sobre gênero e classe, realizando-se análises comparativas entre os diversos fluxos identificados em Belém e em outras 12 capitais amazônicas e brasileiras. Os dados permitem identificar uma diversidade de países de destinos e determinar quais as similaridades e as diferenças entre eles. Aponta-se a necessidade de procurar entender o que esse conjunto de dados do censo pode dizer sobre as especificidades de gênero, classe e localização geográfica de sistemas e redes migratórios no Brasil e na Amazônia, que permitem afirmar as singularidades de cada fluxo e as condições específicas que o produzem em cada momento e lugar. O artigo pretende contribuir com o entendimento da migração a partir de contextos específicos, ajudando a superar o risco de etnocentrismo nas pesquisas e análises sobre migração de mulheres no Brasil, que tem provocado certa invisibilidade do significado da migração internacional de mulheres das periferias das cidades amazônicas.

Palavras-chave: Migração internacional; Censo 2010; Mulheres; Periferia urbana; Amazônia.

Abstract

International migrations of women from the peripheries of Belem and their relations with other cities: gender identities and class origin in the 2010 census.

The discussion presented in this article, on the international migration of women from the peripheries of Belem, is based on data from observational and participatory researches with those women, compared with the data provided by the 2010 census. In order to understand the specificities of the flows, the migration from different neighborhoods (middle class and periphery) is considered with a special view to gender and class, and comparative analyses are made between the various flows identified in Belem and other 12 major Amazonian and Brazilian cities. The data allows for the identification of a diversity of destination countries and the determination of their similarities and differences. The article points to the need of understanding what can the data set of the census say about the specificities of gender, class, and geographic localization of migration systems and networks in Brazil and the Amazonian region, which could confirm the singularity of each flow and the specific conditions it produces at each time and place. On the whole, the article intends to provide a contribution to the understanding of migration from specific contexts, trying to overcome the risk of ethnocentrism in researches and analyses on the theme, ethnocentrism that has led to a certain invisibility of the meaning of the international migration of women from the peripheries of the Amazonian cities.

Keywords: International migration; 2010 census; Women; Urban periphery; Amazon.

Résumé

Migration internationale de femmes de la banlieue de Belém et relations avec d'autres villes : identités de genre et de classe à partir du recensement démographique de 2010

L'analyse de la migration internationale de femmes de la banlieue de Belém repose sur une étude comparative entre des données recueillies sur/avec ces femmes et les données du recensement de 2010. Pour comprendre les spécificités des flux migratoires, le travail procède à des analyses comparatives entre Belém et 12 autres villes d'Amazonie et du Brésil, en prenant comme référence la migration par quartiers (classe moyenne et périphérie) et plus particulièrement le genre et la classe sociale. Les données permettent d'identifier une grande variété de pays de destination et d'en déterminer les similitudes et les différences. Elles indiquent également la nécessité de comprendre le sens de cet ensemble de données du recensement sur les questions de genre, de classe sociale et de localisation géographique de systèmes et de réseaux migratoires au Brésil et en Amazonie, qui soulignent les singularités de chaque flux selon le lieu et le moment. L'objectif est de comprendre la migration à partir de contextes spécifiques pour aller au-delà de l'ethnocentrisme qui imprègne des recherches et des analyses sur la migration de femmes au Brésil, rendant invisible la signification de la migration internationale de femmes des banlieues des villes d'Amazonie.

Mots-clés: Migration internationale; Recensement de 2010; Femmes; Banlieues, Amazonie.